

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

EVERTON RODRIGUES MARTINS

**OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE
PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente com o ensino remoto na Unidade
Universitária de Paranaíba - UEMS**

Paranaíba-MS
2024

**OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE
PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente com o ensino remoto na Unidade
Universitária de Paranaíba - UEMS**

Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade, vinculado à Linha de Pesquisa “Linguagem, Educação e Cultura” da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana do Prado

M342u Martins, Everton Rodrigues

Os usos das mídias digitais na educação superior em tempos de pandemia: um estudo sobre o trabalho docente com o ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba - UEMS/ Everton Rodrigues Martins. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2024.

89p.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Profa Dra Juliana do Prado.

1. Educação superior. 2. Pandemia. 3. Mídias digitais. 4. Ensino remoto. I. Prado, Juliana. II. Título

CDD 23. ed. - 378

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS) - Susy dos Santos Pereira CRB1°1783

EVERTON RODRIGUES MARTINS

**OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE
PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente com o ensino remoto na Unidade
Universitária de Paranaíba - UEMS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 04/03/2024.

BANCA EXAMINADORA

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Juliana do Prado
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientadora

Participação por videoconferência

Prof. Dr. José Antônio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Isabella Fernanda Ferreira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Paulo Freire

DEDICATÓRIA

À minha família, pela ternura e dedicação em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Juliana do Prado, expresso aqui, através de palavras sinceras, meus agradecimentos por me orientar ao longo dos meus estudos do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação. Sinto-me que falta espaço para tentar transcrever tamanha gratidão em relação a sua postura frente a supervisão desta pesquisa. Todos os nossos encontros e diálogos em face desta pesquisa foram momentos de muito ensino e aprendizado, envolvidos num exercício de “desconstruir para construir”. Posso dizer seguramente que o meu desenvolvimento e crescimento enquanto pesquisador passa pela sua dedicação incondicional dispensada a mim, de forma brilhante conseguiu transmitir informações e conteúdos importantes que me fizeram compreender a essência da pesquisa.

À Profa. Dra. Etiene Maria Bosco Breviglieri pela oportunidade e o privilégio de ser seu orientado no Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação. Lembro-me que naquela ocasião eu estava um pouco inseguro e tenso, para não dizer desesperado, me sentindo totalmente confuso e sem condições para dar início a minha monografia. Com toda a certeza, se não fosse a humanidade da professora em me ajudar, mesmo sabendo das minhas limitações, talvez, eu não estaria neste momento tão radiante, emocionado por conseguir romper com as barreiras que excluem muitos jovens de frequentar uma universidade pública. A participação da Profa. Dra. Etiene foi muito significativa na minha jornada acadêmica e eu não poderia deixar de mencioná-la nessa ocasião.

Ao Prof. Dr. Ailton de Souza que, por vezes, as nossas conversas me renderam experiências para a vida toda. Tive o privilégio e a honra em participar de sua pesquisa sobre o estado de Mato Grosso do Sul mediante os reflexos da pandemia, de modo que, sua relevância se dá não só em relação ao nosso trabalho em conjunto, mas, acima de tudo, nas trocas de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da nossa jornada de trabalho. Foram muitas as vezes que me assistiu indicando os caminhos para a construção de novos saberes, em especial pela sua disposição em querer ajudar no que fosse possível.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul por me conceder a oportunidade de fazer parte deste programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, de poder participar desta turma de discentes com diversos saberes. Foram muitos os momentos marcantes em termos de ensino e aprendizagem, por oportuno, ressalta-se, que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (Paulo Freire)”.

Aos meus pais que - mesmo diante as dificuldades da vida, não mediram esforços para que seus filhos pudessem estudar. Apesar do trabalho ter sido quase que a única fonte de ensino e experiência de vida, sempre se manifestaram o desejo de ver os filhos estudando. Lembro-me de uma frase que meu pai disse que ficou bastante marcada: “eu não tive a oportunidade de continuar os meus estudos, pois, tive que trabalhar desde muito cedo. Naquela época as pessoas não davam muito importância para estudar, até porque não tínhamos condições financeiras e trabalhar era a única forma de sobrevivência. Sei da importância da escola para as pessoas, por isso, incentivo vocês a continuar estudando, de acreditar que é possível mesmo diante de tantas adversidades”. Rememorar essas palavras significa, para mim, motivação e esperança.

Aos meus irmãos, expresso aqui, os meus agradecimentos por todos esses anos que passamos juntos, uma relação que extrapola os limites de amor e carinho. Sempre tivemos o cuidado em manter uma relação próxima, de ajudar um ao outro.

À minha digníssima esposa por estar ao meu lado, por me incentivar a continuar estudando e buscando romper com as barreiras da vida.

Ao meu filho, sinto-me que falta espaço para dizer o quão foi/é importante para essa conquista, foram muitos momentos de desafio que a vida nos impôs, para que eu pudesse realizar todas essas conquistas.

Ademais, à todos que acreditaram e contribuíram diretamente/indiretamente para que eu pudesse realizar e conseguir o título de mestre em educação.

À todos vocês, muito obrigado!

É fazendo que se aprende a fazer aquilo que se deve aprender a fazer.

Aristóteles

MARTINS, Everton Rodrigues. OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente com o ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS. Orientação: Profa. Dra. Juliana do Prado. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Paranaíba, 2024.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se os resultados finais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “Linguagem, Educação e Cultura”. A presente pesquisa consistiu em analisar os usos das mídias digitais pelos docentes na educação superior em tempos de pandemia e explorou a questão a partir da Universidade Estadual do estado de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, de modo que, o cenário pandêmico impôs as instituições de ensino a migrar-se repentinamente do ensino presencial para aulas por meio das tecnologias digitais. Justifica-se o presente estudo em virtude de que, desde a suspensão das atividades presenciais, as aulas por meio dos usos das mídias digitais transpuseram mudanças significativas no campo da educação e exigiu uma nova postura do professor frente ao ensino remoto emergencial. Assim, o objetivo derivou em analisar os usos das mídias digitais pelos docentes da educação superior com o ensino remoto emergencial, de modo a revelar os desafios e as experiências vividas pelos professores. A partir de um questionário semiestruturado a investigação se constituiu a partir de três eixos: análise do perfil dos professores dos cursos de licenciatura – pedagogia e ciências sociais; os usos das mídias digitais pelos docentes; e os usos das mídias digitais com o ensino remoto emergencial. Para a análise do presente estudo a metodologia adotada foi de ordem exploratória e qualitativa, utilizando-se de pano de fundo autores e estudiosos da temática, para que, assim, a partir de um recorte exploratório sobre a instituição de ensino pré-selecionada, pudéssemos examinar um conjunto de informações, tais como: os desafios e experiências adquiridas pelos docentes com os usos das mídias digitais com o ensino remoto emergencial. Partindo deste movimento analítico abrangendo os usos das mídias digitais, os resultados indicaram que as mudanças estão ocorrendo de forma acelerada na sociedade e nem todos estão preparados para acompanhá-las, de modo a exercer efeitos concreto na atuação dos professores, impactando, principalmente, no ensino e na aprendizagem dos estudantes.

Palavras Chave: Educação superior. Pandemia. Mídias digitais. Ensino remoto. UEMS.

MARTINS, Everton Rodrigues. OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente com ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS. Orientação: Profa. Dra. Juliana do Prado. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Paranaíba, 2024.

ABSTRACT

In this dissertation, we present the final results of a Master's degree in Education research developed with the Postgraduate Program in Education at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, in the research line "Language, Education and culture". This research consisted of analyzing the uses of digital media by teachers in higher education in times of pandemic and explored the issue from the State University of the state of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, so that the scenario The pandemic forced educational institutions to suddenly migrate from face-to-face teaching to classes using digital technologies. The present study is justified because, since the suspension of face-to-face activities, classes through the use of digital media have transposed significant changes in the field of education and required a new attitude from the teacher towards emergency remote teaching. Thus, the objective was to analyze the uses of digital media by higher education teachers with emergency remote teaching, in order to reveal the challenges and experiences lived by teachers. Using a semi-structured questionnaire, the investigation consisted of three axes: analysis of the profile of teachers on undergraduate courses – pedagogy and social sciences; the uses of digital media by teachers; and the uses of digital media with emergency remote teaching. For the analysis of the present study, the methodology adopted was exploratory and qualitative, using authors and scholars of the subject as a background, so that, based on an exploratory approach to the pre-selected educational institution, we could examine a set of information, such as: the challenges and experiences acquired by teachers using digital media with emergency remote teaching. Starting from this analytical movement covering the uses of digital media, the results indicated that changes are occurring rapidly in society and not everyone is prepared to follow them, in order to have concrete effects on the performance of teachers, impacting, mainly, on the teaching and student learning.

Keywords: Higher education. Pandemic. Digital media. Remote teaching. UEMS.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAUES	Comitê Multidisciplinar de Ações de Urgências e Emergências em Saúde
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior
CEE	Conselho Estadual de Educação
C.F.	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
COVID	Corona Virus Disease
EAD	Educação à distância
ERE	Ensino Remoto Emergencial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MS	Estado de Mato Grosso do Sul
OMS	Organização Mundial da Saúde
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
SARS-COV-2	Coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave
SISU	Sistema de Seleção Unificado
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
TICs	Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da Unidade Universitária de Paranaíba-UEMS.....	37
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos participantes.....	43
Gráfico 2: Tempo que leciona.....	44
Gráfico 3: meio de comunicação mais utilizado pelos docentes para obterem informações.....	46
Gráfico 4: Tempo conectado.....	47
Gráfico 5: Já participou como estudante de curso profissional pela internet?.....	49
Gráfico 6: Já fez algum tipo de aperfeiçoamento para atuar no ensino remoto?.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cursos e vagas oferecidas pela Unidade Universitária de Paranaíba.....	38
Tabela 2: Sexo dos participantes da pesquisa.....	42
Tabela 3: Sites acessados com maior frequência.....	48
Tabela 4: Como avalia o conteúdo.....	49
Tabela 5: Mídias digitais utilizadas na pandemia para se comunicar com os estudantes.....	54
Tabela 6: Interação e orientação com os estudantes a partir das mídias digitais.....	56
Tabela 7: Foi possível trabalhar os conteúdos programados no ensino remoto?.....	58
Tabela 8: Como refletem as transformações suscitadas pelo ensino remoto nos cursos de licenciatura?.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Discussões iniciais.....	17
A descoberta do objeto da pesquisa.....	18
Aspectos metodológicos da pesquisa.....	21
A estrutura da pesquisa.....	23
1 A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA	24
1.1 A pandemia de covid-19 e as transformações na educação superior.....	24
1.2 A educação a distância e o ensino remoto emergencial.....	28
2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: DELIMITANDO A METODOLOGIA, O CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA	34
2.1 A Unidade Universitária de Paranaíba.....	35
2.2 Sobre o ensino remoto na UEMS.....	38
2.3 Perfil dos participantes da pesquisa.....	42
3 ENSINO REMOTO E OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS PELOS DOCENTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UNIVERSIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA	45
3.1 Uma análise sociológica sobre os usos das mídias digitais.....	45
3.2 Os usos das mídias digitais com o ensino remoto emergencial.....	52
3.3 Algumas considerações sobre educação e mídias digitais.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A - Termo de Confiabilidade e Sigilo	80
APÊNDICE B - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE	81
AUTORIZAÇÃO	83
APÊNDICE C - Roteiro diagnóstico do trabalho docente no ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS	84

INTRODUÇÃO

Discussões iniciais

A proposta de pesquisa acerca dos “usos das mídias digitais na educação superior” ocorre em meio aos estudos e pesquisas sobre esse novo paradigma social marcado pela presença das tecnologias digitais. Com o advento das tecnologias surge um cenário complexo, o qual apresenta diversos desafios para a contemporaneidade, com atenção especial para o campo da educação. Por oportuno, ressalta-se que as tecnologias digitais desafiam o próprio espaço educacional, com efeitos para a atuação do professor. Essa é uma percepção que tive desde a minha própria vivência como estudante e, posteriormente, com as experiências de professor, ao perceber que as instituições de ensino encontravam dificuldades em lidar e responder à nova realidade, cada vez mais atravessada pelo ritmo acelerado dos avanços tecnológicos.

As vivências de estudante me serviram para refletir enquanto professor sobre a necessidade de um olhar mais atento sobre essa nova realidade, percebendo que estamos diante um conjunto de mudanças sociais e o espaço educacional enfrenta os reflexos de todo esse processo. Assim, isso exige uma nova postura do professor sobre novas formas de ensinar e aprender, que possam responder a essa nova geração de estudantes. Notei que o espaço educacional encontrava dificuldades em lidar e adaptar-se às novas formas de trabalhar, de se comunicar, de se relacionar e de aprender. Nós, professores, também encontramos dificuldades em lidar com todas essas mudanças que estão ocorrendo com o advento das tecnologias.

Nesse viés, as experiências como professor foram muito reveladoras no ensino público, uma vez que pude observar de perto as dificuldades e limitações da educação (direção, coordenação e professores) em desenvolver um ambiente favorável e compatível com a realidade dos estudantes. Além disso, discutimos em vários encontros o quão desafiante estava em encontrar estratégias para melhorar o ensino e a aprendizagem em sala de aula, de despertar a atenção e o interesse dos estudantes.

Assim sendo, tenho sido tomado pelas provocações a investigar algumas particularidades em relação as tecnologias digitais na educação, com ênfase para os desafios que se apresentam e impõe para a atuação do professor, principalmente por ser um assunto ainda em formação e, até então, pouco explorado aqui no Brasil. Essas hesitações subverteram o meu pensamento no sentido de afunilar o conhecimento a respeito de todas essas questões atinentes as tecnologias digitais, que de certa forma reverberam no campo da educação e desafia o trabalho do professor.

A descoberta do objeto da pesquisa

A pandemia causada pela aparição e propagação da doença do novo coronavírus (SARS-CoV-2) se demonstrou impetuosa e potencialmente dramática, tanto que se tornou um assunto recorrente e preocupante no mundo todo, devido à escalada de número de casos e de morte. Pouco depois de o primeiro sinal do vírus acontecer na China, mais precisamente na cidade de Wuhan, em 2019, a covid-19 se espalhou rapidamente e vários outros continentes foram acometidos pelas fortes ondas de contágio da doença, desafiando todos os segmentos da sociedade a conviver com uma realidade até então desconhecida.

Após o primeiro diagnóstico de covid-19 no Brasil, o país passou a conviver com um aumento expressivo de pessoas infectadas pelo vírus, tão logo, afetou fortemente todo o sistema de saúde. Com o avanço da doença em solo brasileiro, e colapso nos hospitais, as autoridades sanitárias recomendaram aos governos e lideranças locais ações para tentar conter as fortes ondas de covid-19 no país, motivo pelo qual, não tiveram outra escolha a não ser editar medidas mais restritivas de circulação de pessoas na tentativa de frear o avanço da doença. Pois, em meio à pandemia, milhares de pessoas perdiam as suas vidas na luta contra a doença, enquanto que outras ainda tentavam se recuperar das sequelas deixadas pela covid-19.

Cercado por um cenário de incertezas, a pandemia afetou consideravelmente todos os setores da sociedade, de modo a ecoar severamente na educação, desafiando todo o sistema de ensino – do ensino básico à educação superior, a responder às mudanças e adaptações em face do agravamento da crise sanitária vivida no país. Outrossim, os efeitos imediatos da pandemia no campo da educação se deram com o fechamento de escolas, instituições de ensino – universidades, faculdades e departamentos acadêmicos, a ponto de nos colocar na iminência de pensar em estratégias para tentar conseguir manter a continuidade das atividades pedagógicas. Tão logo, todo esse cenário de pandemia interferiu de forma inesperada na rotina do ambiente escolar (professores, estudantes, pais), tanto que ratificou a preocupação em relação à educação no Brasil.

Por oportuno, ressalta-se, que a medida forçada e provisória adotado para as aulas foi o ensino remoto emergencial por meio das tecnologias digitais, motivo pelo qual, “gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade das aulas online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem” (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 7). Tivemos um cenário totalmente desafiador para toda a educação, de forma repentina, foi preciso paralisar as aulas presenciais e

passar por intensas e necessárias adaptações e reformulações (BELÉM, FURTADO, 2020), repercutindo em perdas não delineadas e nem mensuráveis.

No caso presente, teve-se um forte impacto sobre toda a organização das atividades educacionais, na medida em que o distanciamento físico paralisou quase por completo as aulas em todos os níveis de ensino. Tivemos os professores transitando de uma realidade de ensino presencial para o exercício da docência remota e, essa medida brusca e aligeirada, transpôs uma nova configuração para o trabalho docente, dado que os usos das mídias digitais foram a saída encontrada para que o professor pudesse garantir a continuidade das aulas em tempos de pandemia e a insegurança se configurou como sentimento basilar de todos. Por certo, a suspensão das aulas presenciais forçou a adoção de estratégias pedagógicas remotas e isso afetou consideravelmente toda a rotina e o funcionamento do sistema de ensino, de modo que, as ações endereçadas a continuidade das atividades pedagógicas acarretaram em alterações no trabalho do professor.

Neste período de pandemia ingressei como aluno regular do mestrado e também tive que mudar e adequar ao ensino remoto emergencial. Os encontros ocorreram por meio das tecnologias digitais e a participação me levou a refletir ainda mais sobre os desafios já mencionados anteriormente. Lembro-me das dificuldades que foram para os docentes, quanto para nós alunos. Em várias ocasiões tive que participar das aulas e, ao mesmo tempo, trabalhar. Os professores tiveram que reinventar para tentar conseguir trabalhar os conteúdos. Em efeitos, com a apropriação do ensino remoto, criou-se um conjunto de questões sobre os usos das mídias digitais na educação, dentre elas, o trabalho docente, de forma a ter que analisar as “novas formas de ensinar e aprender” utilizadas em tempos de pandemia.

Para alguns autores, como é o caso de Oliveira¹ e Oliveira²

a sociedade contemporânea, no vento das transformações vem cada vez mais exigindo da sociedade, seja pela inserção da era digital ou pela entrada dos computadores no universo educativo, seja pelas adequações que o mundo moderno introduz, fazendo com que o professor possa repensar o seu papel enquanto educador na sociedade da informação e do conhecimento (2017, p.104).

Com essa nova realidade imposta pelo advento das tecnologias digitais, apresenta-se novos desafios para a educação e que o professor possa repensar o seu papel enquanto educador na sociedade da informação e do conhecimento. Esse é um processo em movimento e que vai muito além do que propriamente analisar os usos das mídias digitais no ensino remoto emergencial, a vivência na pandemia nos possibilita, entre tantas outras possibilidades, extrair

informações relevantes sobre a nova realidade social, de observar as mudanças que estão em movimento.

É importante reconhecer que o ensino remoto emergencial utilizado na pandemia transpôs desafios no campo da educação, de igual modo, vê-se a essencialidade de retomar as discussões e ampliar o debate por estratégias pedagógicas que possam responder a essa nova realidade social. Há um enorme desafio que é encontrar uma modelagem de ensino-aprendizagem que dê mais protagonismo aos estudantes e o estudo sobre os usos das mídias digitais poderá representar e contribuir significativamente para auxiliar na construção de um novo modelo de escola (MORAES, PERES, PEDREIRA, 2021).

Conforme preconiza os autores Peixoto e Oliveira,

Não nos bastam mais o livro didático, o giz e o quadro. Outras tecnologias foram aos poucos – ao longo dos tempos, como também de forma imediata – por conta da pandemia de covid19 inseridas em nossas vidas, no nosso trabalho e em todas as formas de convivência, inclusive aquelas que sempre nos foram pensadas de forma real e hoje facultadas às conexões digitais (2021, p.92).

Com base nas palavras dos autores, estamos vivenciando um momento de mudanças na sociedade e as escolas, instituições de ensino, faculdades e universidades, vem sendo questionadas a pensar sobre isso. Diante uma nova realidade social é crucial investigar e analisar quais as mudanças e desafios são impostos a educação, em particular, a postura do professor frente a emergência de novas práticas de ensinar e aprender, inclusive, que consiga despertar o protagonismo do estudante.

No presente caso,

a discussão atual sobre o uso das tecnologias a escola ultrapassa as fronteiras do “proibido” ou do “permitido”, atingindo a compreensão de que já não se pode mais negar, o uso potencial dessas tecnologias por crianças e jovens, mas sim, faz-se necessário incorporá-las ao contexto escolar, possibilitando aos educadores e educandos usá-las nas atividades escolares de forma criativa em vários espaços, e não simplesmente se restringindo ao espaço de sala de aula (RODRIGUES, SEGUNDO, RIBEIRO, 2018, p.118).

Desde o início da pandemia, mesmo diante as circunstâncias adversas e sem as devidas condições necessárias para manter a continuidade das aulas de forma presencial, as mídias digitais foram essenciais para que professores e estudantes se mantivessem conectados e engajados as atividades de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, conforme Santos (2020, p. 29), “a pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se

adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”.

Aspectos metodológicos da pesquisa

Com base na discussão inicial apresentada, parte-se para examinar quais foram os desafios e as experiências vividas pelos docentes com os usos das mídias digitais no ensino remoto emergencial? Com vistas a explorar nossa problemática, propõe-se, num primeiro momento, refletir sobre a determinação do ensino remoto emergencial nas universidades públicas durante o período da pandemia de covid-19; investigar as normativas legais de institucionalização do ensino remoto na UEMS; e num segundo momento, analisar os usos das mídias digitais durante o ensino remoto emergencial por parte dos docentes da Unidade Universitária de Paranaíba-MS, a partir de três eixos: análise do perfil dos professores dos cursos de licenciatura – pedagogia e ciências sociais; os usos das mídias digitais pelos docentes; e os usos das mídias digitais com o ensino remoto emergencial.

Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca do que foi produzido sobre assunto, com ênfase para os estudos e pesquisas que já passaram pelo crivo empírico-científico, eis que, essa é uma forma de subsidiar teoricamente a pesquisa e seguramente os estudos de Gusso, Kenski, Martino, Miskolci, Prado, Selwyn, Thompsom, entre outros, enaltece o campo de estudo da respectiva pesquisa (BASTOS, FERREIRA, 2016). Pode-se dizer que esse é um exercício de fazer ciência e, ao mesmo tempo, de “trabalhar simultaneamente com teoria, métodos e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente [...]” (MINAYO, 2012, p. 622).

Também buscou-se por meio do Banco de Teses da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), um levantamento de estudos e publicações realizadas no campo da educação superior em meio a pandemia, no sentido de compreender e entender melhor o que já foi feito e escrito por outros pesquisadores, motivo pelo qual, ressalta-se, que a busca se deu por meio das palavras “educação superior” e “pandemia”.

Em meio a leitura de resumos e texto completo de todo o material selecionado, foi possível observar que os trabalhos abrangem conteúdos relacionados as palavras chaves – “educação superior” e “pandemia”, dentre os quais, destaca-se (qualidade de vida, saúde mental, evasão escolar, formações de professores, acesso e permanência, entre outros). Por sua vez, também observamos que a literatura consultada demonstra, ainda que, de forma inicial, a

presença de publicações referentes ao trabalho remoto na pandemia, dentre um total de 49 (quarenta e nove) publicações, selecionamos 04 (quatro) que abordam a questão. De todo o material coletado, não identificamos nenhum trabalho em específico realizado com os docentes da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Nessa linha de raciocínio, a abordagem utilizada para esse estudo se dá predominantemente a partir da pesquisa qualitativa, ainda que seja possível considerar alguns aspectos do campo quantitativo. Isso envolve o levantamento e a coleta de informações cujo universo está relacionado a aspectos subjetivos, de modo que, esse é um movimento de análise que releva particularidades que nem sempre se manifestam de maneira clara, embora estejam presentes e interfiram na observação dos fenômenos (BASTOS, FERREIRA, 2016).

A fim de aproximar e tornar o objeto da pesquisa ainda mais conhecido, submetemos ao campo da pesquisa exploratória, dando atenção para primeiros momentos da pesquisa,

[...] o desejo do pesquisador sobre determinado assunto marca o começo desta fase, que só termina quando o pesquisador definir seu objeto de estudo, construir um referencial conceitual, definir um instrumento de coleta de dados e as técnicas de análise de dados, bem como o grupo a ser pesquisado (NEVES, DOMINGUES, 2007, p.54).

Conforme destacado pelos autores acima e a fim de viabilizar a presente pesquisa, tivemos por precaução analisar todas as condições do campo da pesquisa (material, público alvo, espaço da pesquisa). Tão logo, após ter analisado todo o ambiente e material disponível para a pesquisa, o foco se deu no aprofundamento sobre as discussões teóricas e conceituais referentes ao assunto, com objetivo maior de assegurar que a pesquisa passe por todo o rito científico.

Para este estudo, tomou-se por realizar e aplicar um questionário semiestrutura junto aos professores efetivos dos cursos de licenciatura – pedagogia e ciências sociais, na Unidade Universitária de Paranaíba-MS, mediante a exigência de averiguar os desafios e as experiências adquiridas pelos docentes no tocante ao uso das mídias digitais com o ensino remoto emergencial. Nesse viés, a intenção decorre em poder encontrar algumas particularidades sobre o ensino utilizado por meio dos usos das tecnologias digitais em tempos de pandemia, a fim de analisar a realidade vivenciadas por estes profissionais e assinalar que a sociedade atual não é a mesma de algumas décadas passadas.

Com base nesse movimento analítico, buscamos ampliar o debate sobre as mídias digitais na educação, de modo a construir novos conhecimentos, sobretudo, dos impactos e desafios que a educação terá de enfrentar na contemporaneidade. Vê-se, então, que é um assunto

ainda em formação no cenário brasileiro e as pesquisas acadêmicas sobre o assunto poderão representar um avanço importante para o campo educacional no Brasil. Compreender as mudanças que estão ocorrendo nos dias atuais, permitirá, até então, a pensar em construir novas formas de ensinar e aprender em consonância com a realidade social.

A estrutura da pesquisa

Com o objetivo em apresentar os achados do presente estudo, a pesquisa está estruturada em introdução e três seções seguintes. Em primeiro plano, a introdução apresenta um breve relato introdutório sobre as inquietações que conduziram a proposta inicial, de modo a apresentar a descoberta do objeto da pesquisa, de transcrever os aspectos metodológicos da pesquisa e, por fim, apresentar a estrutura da dissertação.

Em relação a primeira seção – “a educação superior em tempos de pandemia”, dedica-se a descrever as mudanças que ocorreram na educação superior com a transposição das aulas presenciais para o ensino remoto emergencial. Com isso, o objetivo é compreender os desafios em termos de “adaptações e reformulações” devido à nova realidade para as instituições de ensino, e de modificar a forma de pensar e fazer para dar continuidade as atividades pedagógicas.

No que tange a segunda seção – “caracterização da pesquisa: delimitando a metodologia, o campo e os sujeitos da pesquisa” trata-se de um espaço destinado a descrever o caminho da pesquisa, detalhando a metodologia utilizada, o campo e os sujeitos da pesquisa, isto é, o processo sistematizado, contendo as informações necessárias sobre o passo a passo da construção da pesquisa.

A terceira seção – “o ensino remoto e os usos das mídias digitais pelos docentes dos cursos de licenciatura na unidade universitária de Paranaíba-MS”, apresenta os resultados obtidos a partir do questionário respondido pelos docentes, de forma a demonstrar uma análise sobre os desafios e as experiências vivenciada por esses profissionais, na qual se apresenta um esboço da análise sociológica sobre essa nova realidade social, e com um olhar atento para as mudanças que estão ocorrendo com o advento das tecnologias.

Por fim, no item “Considerações Finais”, estão situados os principais aspectos de análise do conteúdo estudado e os desdobramentos finais, clarificando, assim, os resultados dessa pesquisa.

1. A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nesta seção tem-se a intenção de abordar a educação superior em meio à crise sanitária imposta pela covid-19, sendo que, as instituições de ensino foram afetadas de forma severa pela pandemia e tiveram que enfrentar uma nova realidade, modificar a forma de pensar e fazer para dar continuidade as atividades de ensino-aprendizagem, sobretudo, de se adequar as recomendações e protocolos de saúde no combate e prevenção ao vírus. Desse modo, o distanciamento social foi uma destas ações emergenciais e com isso as aulas passaram a ser de forma remota. Logo, a antecipação do recesso escolar, reorganização do calendário, dentre outras atividades para se reorganizar, e os desafios foram em termos de “adaptações e reformulações” para toda a educação.

1.1 A pandemia de covid-19 e transformações na educação superior

A pandemia da covid-19 desafiou os países do mundo todo a ter que conviver com uma realidade de profunda crise sanitária, até então, inesperada, e em solo brasileiro a situação foi ainda mais desafiadora. Enquanto que assistíamos outros países em diferentes partes do mundo a lidar com o surto da doença e com um número expressivo de mortes, o governo brasileiro não só ignorou a pandemia, como também não se preparou para o que estava por vir. O governo Bolsonaro menosprezou, sistematicamente, a gravidade da doença e se omitiu diante à necessidade de se alinhar as recomendações da Organização Mundial da Saúde - OMS, persistindo em ignorar os protocolos sanitários contra a covid-19.

Diante a pior crise sanitária dos últimos anos, a postura do governo brasileiro foi de ignorar as recomendações sanitárias e de minimizar a gravidade da doença. Com o posicionamento destoado as recomendações de especialistas e autoridades de saúde, o Brasil viu-se diante o descontrole da doença e a explosão de casos da covid-19 impactou drasticamente os Estados e Municípios. Restou aos governos locais adotarem medidas mais restritivas de circulação de pessoas para tentar frear o avanço da covid-19 e o distanciamento social resultou no fechamento de diversos setores da sociedade. No presente caso, não se tratou somente da letalidade do vírus em questão, mas também, em relação da atuação do governo federal no tratamento da pandemia.

No campo da educação, o descontrole da covid-19 repercutiu demasiadamente nas instituições de ensino, faculdades, universidades, de modo que, há tempos, a educação tem sido desafiada a enfrentar os problemas e as limitações que reverberam no próprio espaço formal da educação. Sabe-se que durante muito tempo o sistema educacional vem resistindo as situações

mais desafiadoras que, de certo modo, colocam em risco a continuidade de toda a educação aqui no Brasil e, de acordo com Santos (2020, p.6), “a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise em que a população mundial tem vindo a ser sujeita”.

Com base na explicação de Santos, a pandemia apenas evidencia os reflexos de uma crise econômica e social que já estava em curso, isto é, “desde a década de 1980 – à medida que o neoliberalismo foi se impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro – o mundo tem vivido em permanente estado de crise” (SANTOS, 2020, p.5). Assim sendo, podemos falar que a crise mais aguda que estamos vivendo decorre dos cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários (SANTOS, 2020) sob a justificativa de equilíbrio fiscal, como foi o caso da Emenda Constitucional Nº 95, de 15 de dezembro de 2016 instituída no governo de Michel Temer.

A EC 95/2016 é, desde então, uma medida de cortes e limite dos gastos públicos sob o interesse em congelar investimentos que, necessariamente, deveriam ser empregados em políticas sociais, em particular no setor de saúde e educação (BRASIL, EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 95, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2016). E essa é uma realidade que temos experimentado nos últimos anos, de modo que, a população mais carente tem sofrido com a falta de assistência por parte do estado. Portanto, “a pandemia se torna mais enfática e assustadora revelando as diferenças sociais e tornando públicas as situações de misérias que grande parte da população mundial vive” (CASTRO, QUEIROZ, 2020, p.4).

Nessa perspectiva, importa ressaltar que, em tempos de pandemia, a educação (da educação infantil a superior) esteve diante da obscuridade da ameaça do vírus, bem como das reformas neoliberais que tem retirado recursos públicos da sociedade.

No ano de 2020 as reformulações no calendário escolar se tornaram necessárias, de modo a fazer com que todas as ações para o ano letivo de 2020 e 2021 fossem repensadas diante a crise multidimensional, a qual incluiu desde a elaboração de complexos protocolos de segurança sanitária, passando por desistências ou trancamentos de matrículas, até reflexões mais complexas de ordem técnica e pessoal a professores e alunos.

Com o objetivo em orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus, o Conselho Nacional de Educação (CNE), em consonância com o Ministério da Educação - MEC, aprovou diretrizes regulamentando algumas medidas para reorganizar as “atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação do Covid-19”, como foi o caso da portaria n.º 343, de 17 março de 2020 em que “autoriza, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais” por meio de aulas que utilizem

meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor.

Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 prevê que na educação superior, o ano regular, independente do ano civil, tem, no mínimo, duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo, o Congresso Nacional reconheceu o estado de calamidade aprovando “o Decreto Legislativo, artigo 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000” e o Ministério da Saúde editou a Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, declarando Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, em razão da infecção humana pelo novo Corona vírus (COVID-19).

Destarte, no que tange a educação superior, o Conselho Nacional de Educação, mediante o parecer n.º 15/2020, no seu artigo 25, assegurou que “no período de estado de calamidade pública, em caráter excepcional, as instituições de ensino superior ficariam dispensadas da obrigatoriedade de observância do mínimo de dias de efetivo trabalho acadêmico”.

De acordo com Silva, Goulart e Cabral,

[...]a necessidade de adaptação a uma situação social, o Ministério da Educação, flexibilizou tempos e espaços escolares, fazendo emergir para a modalidade presencial uma nova forma de ensino e de aprendizagem que, de certa forma, já era utilizada por muitas instituições de Educação Superior se pensarmos nos cursos ofertados na modalidade à distância (2021, p. 411).

Nesse sentido, o Parecer CNE/CP nº 5/2020 preconiza que:

o ponto chave ao se discutir a reorganização das atividades educacionais por conta da pandemia situa-se em como minimizar os impactos das medidas de isolamento social na aprendizagem dos estudantes, considerando a longa duração da suspensão das atividades educacionais de forma presencial nos ambientes escolares.

O mesmo parecer menciona que na educação superior já há uma tradição de utilização de mediação tecnológica tanto no ensino presencial quanto ensino a distância. Portanto, compreende-se que nesse segmento de ensino ocorreria uma mudança menos agressiva em relação aos usos das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, assim, estando, em consonância com a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9.394/1996.

Vejamos que,

No que se refere ao ensino por “meios digitais” (ofertados por instituições de Ensino Superior brasileiras antes da pandemia), já havia possibilidade de que cursos de graduação presenciais fossem compostos por atividades desenvolvidas, na modalidade Educação à Distância (EAD) (BRASIL, 2019).

Com efeitos, as universidades tiveram que se adequar perante as recomendações e protocolos de saúde no combate e prevenção do vírus, o que implicou em mudar a forma de pensar e fazer para dar continuidade do ano letivo, de suspender as atividades presenciais e adotar estratégias para novas formas de ensinar e aprender. Desse modo, o distanciamento social foi uma destas ações emergenciais, e com isso as aulas passaram a ser de forma remota. Houve também a antecipação do recesso escolar, reorganização do calendário, dentre outras atividades e medidas organizacionais que o momento exigiu. E isso, de certo modo, foi uma forma de estender ao período pandêmico a possibilidade de ensinar a partir dos usos das tecnologias digitais, uma vez que “o parecer dá ênfase à adoção de atividades por meios digitais e ao uso de ambientes virtuais de aprendizagem como forma de substituir as aulas presenciais, viabilizando continuidade do ensino durante a pandemia” (GUSSO, et. al, 2020, p.4).

A decisão provisória de suspender e substituir as aulas presenciais por atividades remotas, em meio ao agravo da pandemia, fez com que os professores e alunos ficassem cada vez mais distantes fisicamente e conectados por meio de um único recurso possível, a tecnologia. Nesse sentido, a maior parte das universidades passaram a trabalhar e ministrar as suas atividades de forma remota, apesar de ser uma medida tratada em caráter emergencial e temporário, ainda que, Furtado e Belém (2020, p. 5) afirmam que “o ensino e aprendizagem não se dão mais no espaço físico da instituição, mas no lar dos alunos por meio da internet”.

As aulas remotas, por meio dos usos das mídias digitais, acarretaram novas adaptações e reformulações para o mundo todo e para a vida acadêmica, estabelecendo novas formas e rotinas para cumprimento de atividades diárias. As decisões tomadas foram medidas emergências e repentinas para a educação superior mediante o cenário pandêmico, por oportuno, a autora Borssoi (2020) ressalta que

embora seja compreensível a continuidade diante a crise sanitária, parece-me a preocupação está em salvar o calendário letivo, na mesma lógica da lucratividade do capital, sem pensar nas consequências reais em que vivem os alunos, os professores e os pais, sem reflexão mais profunda dos impactos nas questões materiais, objetivas, emoções e aprendizagem humana, que nós todos estamos a viver (p. 195).

Como se observa, a autora faz uma crítica em relação à continuidade do ensino em tempos de pandemia, cujo propósito parece querer privilegiar o lucro em detrimento da vida (BORSSOI, 2020), isto é, sem pensar nas consequências reais que vivem “os alunos, os professores e os pais”. Com o ensino remoto emergencial todos foram forçados a adaptar-se a uma nova realidade e a depender de condições necessárias para a reorganização das atividades pedagógicas.

Destarte, em maior ou menor grau, pode-se dizer que “a crise sanitária causada pelo novo coronavírus, viu-se que falta ao nosso país um projeto de nação [...]” (CAVALCANTI, GUERRA, 2022, p.74). Isso é perceptível tanto em termos de políticas públicas para assegurar que toda a população tenha condições mínimas de proteção social quanto nas consequências das reformas neoliberais, as quais vêm retirando direitos da sociedade. De igual modo, é necessário pensar nas mudanças que estão ocorrendo nos dias atuais em meio a esta nova geração, de modo que, as instituições de ensino e escolas devem estar preparadas para lidar com todas essas situações.

1.2 A educação a distância e o ensino remoto emergencial

Como se viu, a suspensão das atividades pedagógicas presenciais impôs e obrigou a maior parte das instituições de ensino superior: faculdades, universidades, centros universitários, etc., a passar por mudanças significativas em todo seu ambiente, no sentido de ter que se reorganizar para o que se configurou como ensino remoto emergencial.

Com o processo educativo por meio de tecnologias digitais, praticamente toda a rotina das instituições de ensino foi alterada, e a decisão de retomar as aulas por meio do ERE gerou uma preocupação em toda a comunidade acadêmica, de modo a estabelecer um debate acalorado no meio acadêmico, inclusive, de forma recorrente, fazendo referência com o modelo vigente de educação a distância. Dentre as principais razões colocadas, destaca-se o receio da docência remota devido os preconceitos existentes em relação à qualidade dos cursos de educação a distância, bem como a precarização do trabalho docente, ainda que, por outro lado, tem-se aqueles que acreditam no potencial da educação por meio das tecnologias digitais, entendendo que as medidas aligeiradas em tempos de pandemia provocaram experiências mal sucedidas.

Destarte, no que tange a educação a distância, trata-se de uma modalidade de ensino que vem contrapondo os paradigmas tradicionais e que “consiste em utilizar as tecnologias da internet para propiciar um amplo conjunto de soluções que objetivam servir de suporte para que a aprendizagem ocorra” (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 13). Muitos estudiosos tomam como ponto de partida o critério de distanciamento físico entre os participantes, enfatizando as relações de “tempo e espaço” entre os atores do processo ensino-aprendizagem (CASTRO, QUEIROZ, 2020). De acordo com Veloso e Mill (2022) esse processo pode ser melhor definido, levando em consideração que docentes e discentes estejam distantes no tempo e/ou espaço, dependendo das tecnologias que viabilizam a interação pedagógica”. Para isto, a EaD

possibilitaria a flexibilidade quanto ao tempo e ao espaço, especificidades intrínsecas, propiciam formação a estratos historicamente marginalizados (VELOSO, MILL, 2022).

Vejamos o que dizem os autores Castro e Queiroz:

A priori, tomemos como ponto de análise a caracterização da EaD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógico nos processos de ensino e a aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e de comunicação” (2020, p.7).

Na educação a distância as tecnologias digitais viabilizam a interação pedagógica, de forma que ela não pode ser concebida como um processo finalístico em si, antes deve-se dar importância para o aparato tecnológico como mediador do processo (CASTRO, QUEIROZ, 2020). Propor soluções para que a aprendizagem ocorra deve se ter em mente que “consiste num processo de que enfatiza a construção e a socialização do conhecimento” (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 14) e no EaD esse processo decorre por meio das tecnologias digitais, de modo que os sujeitos estejam distantes no tempo e espaço.

Para Castro e Queiroz,

a mediação didático-pedagógica na EaD requer um planejamento de ensino necessariamente apoiado por tecnologias digitais adequadas aos objetivos de aprendizagem onde o processo de construção do conhecimento acontece por meio de conexões estabelecidas entre todos os elementos que compõem o processo ensino-aprendizagem. Esse planejamento, portanto, não se dá de forma pontual, mas deve acontecer em uma perspectiva integral e contínua (2020, p.7).

Com base na afirmação dos autores, a educação a distância seria uma modalidade educacional que requer todo um planejamento bem elaborado, contar com ambiente físico e virtual adequado e preparado para o desenvolvimento das atividades de ensino e de aprendizagem por meio do uso das tecnologias digitais. Portanto, isso consiste em contar com estrutura tecnológica e plano de ensino estruturado para que a interação ocorra em constante entre sujeitos e tecnologias (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020).

Conforme apresenta Veloso e Mill (2022) o processo educacional deve ser entendido em termos de “organização e intencionalidade” e a preocupação deve estar alinhada numa perspectiva que implique qualidade, contar com infraestrutura adequada, ter profissionais devidamente preparados, ter planejamento com equipe multidisciplinar, ou melhor, são características cientificamente mensuráveis *a posteriori*, isto é, depois da materialização da prática.

O “fato de estarem geográfica e temporalmente dispersos nada tem que ver com ausência no ensino-aprendizagem, como também compartilhar um mesmo espaço físico na sala

de aula tradicional não garante, *per se*, proximidade entre os envolvidos” (VELOSO, MILL, 2022, sem p.). Por esse motivo, os autores ainda fazem questão de mencionar que ao falar desse processo não estamos nos referindo aos demais processos que prescindem de objetivos pedagógicos.

Diferentemente de experiências planejadas, a decisão de ensinar por meio de tecnologias digitais em tempos de pandemia foi uma proposta introduzida em caráter emergencial e sem uma discussão mais aprofundada por parte dos profissionais da educação, oferecendo acesso temporário aos conteúdos curriculares. “Em grande parte dos casos, estas tecnologias foram e estão a ser utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo” (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 7).

Tem-se em Moreira e Schlemmer (2020) uma distinção entre “ensino a distância” e “educação a distância”, sendo que:

a diferença precípua estaria no caráter conteudista do primeiro, centrado na transmissão e na comunicação unidirecional; enquanto a segunda, com proeminência no fim da década de 1990 e apoiando-se especialmente nas tecnologias digitais, orienta-se pela centralização na aprendizagem, proporcionando autonomia aos estudantes e lançando mão de recursos tecnológicos de comunicação e interação em rede que viabilizam o trabalho colaborativo e a interatividade (VELOSO, MIL, 2020, p. 7).

No caso do ensino remoto em tempos de pandemia tratou-se de uma modalidade emergencial e temporária que passou a ser utilizado como uma “alternativa”, principalmente porque na pandemia as aulas presenciais foram interrompidas, “não houve uma fase de testes e validação da inserção do ensino a distância para os cursos que são estritamente presenciais” (PRIMO, 2020, p.138), motivo pelo qual, podemos dizer que migrar do ensino presencial para a docência remota não poderia ser vista simplesmente no sentido transitar de uma modalidade para outra.

As mudanças e adaptações de modo não planejado podem oferecer riscos diversos ao processo educacional, desconsiderando aspectos importantes da realidade de estudantes e professores, bem como aspectos pedagógicos e tecnológicos envolvidos (GUSSO, et. al, 2020), isto é, com o ensino remoto emergencial o objetivo “não é recriar um ecossistema educacional *online* robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise” (MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p.9), empregando recursos muitas vezes indisponíveis e métodos com os quais a maioria não estava familiarizada ou treinada.

No caso, essa “alternativa” acaba que se aproximando mais do caráter de transmissão de conteúdo, portanto, Moreira e Schlemmer (2020, p.9) preconizam que:

O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. Comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações.

Os autores mencionam que, “em algumas versões, o ensino remoto ou aula remota assemelha-se ao ensino a distância do século passado, realizado por correio, rádio ou TV, tendo o acréscimo de TD¹, em rede”.

Para Saviani (2020) a expressão ensino remoto passou a ser usada como alternativa à educação a distância devido às restrições impostas pela pandemia, ainda mais que, a educação a distância tem existência estabelecida. De acordo com o autor, na verdade muitas instituições, em especial as privadas, mesmo que em caráter excepcional, transitório, emergencial, temporário etc., violaram as condições mínimas para que a aprendizagem ocorresse, evidenciando, entre outras, uma sobrecarga de atividades docentes, o estresse e o esgotamento foram intensificados, situações inusitadas do “*home office*” e, de forma bastante recorrente, a ruptura ou o afrouxamento da relação professor-estudante, comumente nos termos de uma divisão de mundos.

Muitos professores passaram boa parte do seu tempo em função das atividades escolares, atendendo os pais, alunos, coordenação, em diversos horários e dias, resultando, então, em efeitos corrosivos para a saúde mental dos docentes (MENEZES, MARTILIS, MENDES, 2021). A intensificação de atividades na pandemia demonstra uma preocupação para Saviani (2021) em relação ao futuro da educação, principalmente porque houve uma “exaustão” do trabalho docente, muito por conta da precariedade e das condições impostas a estes profissionais, motivo pelo qual, devemos concordar que de forma intencional há um interesse mercadológico no sentido de blindar e mascarar a tendência do processo de “conversão da educação em mercadoria”. Desse modo, os riscos para os professores no futuro seriam em termos de conviver com a tendência da desvalorização e precarização das condições do trabalho - uma espécie de “uberização”² do trabalho docente, fundada na falsa ideia de liberdade de

¹ TD – é um termo utilizado pelos autores Moreira e Schlemmer (2020) para indicar “Tecnologias Digitais”. Para acessar o trabalho completo, acesse: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/36079>.

² Uberização – é um termo utilizado por Saviani (2021) para designar um trabalho intermitente e temporário, isto é, a desvalorização e precarização do trabalho docente. Para saber mais, acesse: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf

trabalho, com uma jornada excessiva e/ou indefinida, contratos precarizados, sem garantias trabalhistas, entre outras.

Conforme afirma Saviani (2021, p.39),

[...] a docência na “uberizada” terá na experiência do “ensino” remoto uma alavanca a serviço dos interesses mercadológicos pós-pandemia e também convirá aos reitores que estiverem buscando uma “saída” para a crise orçamentária que vivem as instituições de ensino superior, cada vez mais estranguladas pelos cortes aplicados pelo governo federal.

Nesse sentido, segundo Saviani, os riscos seriam de que a tecnologia poderia se converter em instrumento de submissão da força de trabalho a um tempo sem limite, conduzindo o ser humano à exaustão, como foi o caso da pandemia.

Ao invés disso, para Saviani,

a tecnologia, desde a origem do ser humano, não é outra coisa senão a extensão dos braços humanos, visando facilitar o seu trabalho. E, hoje, com o advento da automação, toda a humanidade poderia viver confortavelmente com o mínimo de horas de trabalho diário, liberando o tempo disponível para o cultivo do espírito, abrindo-se para as formas estéticas, ou seja, para a apreciação das coisas e das pessoas pelo que elas são em si mesmas, sem outro objetivo senão o de relacionar-se com elas (2021, p.39).

Saviani (2021) também considera que a educação não pode ocorrer desprovida de meios e técnicas capaz de promover uma ação educativa de qualidade, seja ela presencial ou a distância. Destarte, propor que as instituições de ensino e escolas consigam atingir os resultados esperados precisa-se, entre outros, contar com infraestrutura robusta e pessoal qualificado, planejamento bem elaborado (VELOSO, MILL, 2022). “A tecnologia sozinha não muda as práticas pedagógicas” (MOREIRA E SCHLEMMER, 2020, p. 14), tampouco, isoladamente, promove grandes mudanças na educação.

Dessa forma, com as novas plataformas e o modelo de ensino remoto na pandemia transpuseram mudanças significativas para o trabalho docente, implicando no desenvolvimento dos alunos a curto e longo prazo, alterando, até então, o conceito de escola. De forma global as tecnologias digitais emergem diversos desafios institucionais e pessoais, de modo que, os usos das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem é um tema que ainda necessita de estudos e pesquisas para analisar e produzir resultados mais aprofundados, principalmente, sem desconsiderar as condições sociais, históricas e, sobretudo, do momento que caracterizou o ensino remoto emergencial.

Neste contexto de educação superior, é possível perceber diversos desafios postos para que o processo de ensino/aprendizagem fosse mantido perante a situação inusitada em tempos

de pandemia. No entanto, não se deve desconsiderar que esse cenário também tem muito a oferecer para o debate aqui no Brasil sobre a educação mediante o uso das mídias digitais, motivo pelo qual, os autores Castro e Queiroz, afirmam que “talvez este momento de pandemia, seja capaz de demonstrar que é possível fazer uma educação escolar mais próxima da realidade dos estudantes da geração ‘Y’ e ‘Z’” (2020, p.5), de forma a repensar as nossas práticas educacionais.

2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: DELIMITANDO A METODOLOGIA, O CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Desde o início da pesquisa destaca-se que a pretensão é abordar e tratar os usos das mídias digitais no campo da educação, de modo que, recorreu-se ao ensino remoto emergencial como recorte temporal, para análise das experiências e desafios vividos pelos docentes dos cursos de licenciatura na Unidade Universitária de Paranaíba-MS durante as aulas remotas.

Destarte, o início da pesquisa foi marcado por um estudo inicial sobre as publicações científicas, as quais são relacionadas ao tópico em análise. Nesse sentido o objetivo foi explorar as principais questões abordadas por pesquisadores. Durante essa análise, utilizou-se de trabalhos de diversos autores como Gusso (2020), Kenski (2004), Martino (2015), Miskolci (2016), Prado (2015), Selwyn (2011), Thompsom (2008), entre outros. Nessa perspectiva, constatou-se que as tecnologias digitais têm uma presença cada vez mais significativa na vida social, exercendo influência em praticamente todos os aspectos da sociedade, com destaque para o campo da educação.

Sabe-se que durante a pandemia muitos professores tiveram que enfrentar uma nova realidade, adaptar e modificar de forma repentina a forma de pensar e fazer para dar continuidade às atividades de ensino-aprendizagem e o espaço físico da sala de aula cedeu-se aos recursos tecnológicos. Desse modo, as aulas, por meio dos usos das mídias digitais, transpuseram mudanças significativas no campo da educação e exigiu uma nova postura do professor frente ao ensino remoto emergencial. Desde então, conhecer a realidade da docência remota permite reunir um conjunto de informações relevantes para pensar e refletir sobre diversos aspectos referentes à educação na contemporaneidade, em particular aos usos das mídias digitais.

Após dedicar-se ao estudo da arte, de encontrar fundamentação teórica para a pesquisa, de delimitar o objeto de pesquisa, elaborar o roteiro, e submeter ao conselho de ética da UEMS, empregaram-se esforços a enviar o questionário semiestruturado ao público alvo da pesquisa como instrumento de coleta de dados, no sentido de extrair informações relevantes sobre a pretensão, de modo que a abordagem escolhida para analisar as respostas é de ordem qualitativa.

Tem-se aqui a expectativa em realizar uma pesquisa com o rigor científico, de cumprir os requisitos exigidos e garantir a produção do conhecimento.

2.1 A Unidade Universitária de Paranaíba

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul é uma Instituição de Ensino Superior Pública instituída sob a jurisdição da Constituição Estadual de Mato Grosso do Sul, de 13 de junho de 1979, ratificada em 05 de outubro de 1989 nos termos do art. 48 do Ato das Disposições Constitucionais Gerais e Transitórias da Constituição Estadual (VIEIRA E DEFFACCI, 2017). Posteriormente, foi autorizada pela Lei Estadual nº 1.461, de 20 de dezembro de 1993, com sede na cidade de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul (Estatuto/UEMS, 1999).

Com vínculo à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, a UEMS possui “natureza funcional pública, gozando de autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa, financeira e patrimonial, regendo-se por Estatuto próprio e pelo Regimento Geral” (ESTATUTO/UEMS, 1999).

Ademais, sobre as funções e atividades do fazer universitário, a primeira observação recai sobre a natureza do ensino, de modo a se concentrar e empenhar na transmissão do conhecimento e orientação da aprendizagem, buscando levar a universidade ao cumprimento de sua dimensão educativa. Visa-se a formação do ser humano e do profissional de nível superior e à difusão de valores sociais, da ciência e da tecnologia, com vistas ao desenvolvimento da comunidade (ESTATUTO/UEMS, 1999).

Nesse viés, ao preconizar o conhecimento e o aprendizado, a transmissão do ensino se dá na universidade por meio das seguintes modalidades de cursos e programas: cursos sequenciais por campo de saber; cursos de graduação; programas de mestrado e doutorado; cursos de especialização; cursos de aperfeiçoamento e atualização e; outros cursos de diferentes níveis e modalidade (ESTATUTO/UEMS, 1999).

No campo da pesquisa, a instituição tem como foco a criação e o desenvolvimento do conhecimento científico, visto que, busca produzir novo conhecimento e o aprimoramento de tecnologias para a formação de grau superior. “Assume-se na universidade a forma de atividade permanente e de projetos específicos a cargo de um ou mais docentes, observadas as normas estabelecidas pelo respectivo órgão colegiado” (Estatuto/UEMS, 1999, pag. 13). Em outro dizer, a proposta de produzir “conhecimento surge pela pesquisa, pela produção dentro da universidade” (FARIA, 2007, p. 134), e a instituição visa produzir ciência e, ao mesmo tempo, eleva-se o interesse em capacitar e qualificar os profissionais para atuar nesta área, sobretudo, em defesa do exercício crítico-reflexivo.

Em relação à extensão, pode se dizer que a instituição tem nessa atividade a intenção de realizar em conjunto harmonia entre a universidade e comunidade, para qual “tem como função a integração da UEMS com o seu meio, retroalimentando o ensino e a pesquisa, e se efetiva em forma de cursos, serviços, programas e outras atividades” (ESTATUTO/UEMS, 1999, p. 14). A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul tem na proposta de extensão o compromisso de empregar todo conhecimento produzido em prol da sociedade e, segundo Faria (2013, p. 225), “é por meio da extensão que ocorre o envolvimento da universidade com a comunidade onde ela está localizada, portanto, é uma atividade vital para que a instituição desempenhe seu papel social”.

Em face do que dispõe o estatuto da UEMS, Faria (2007) afirma que “delimitar especificamente cada um desses termos é um desafio, não basta explicar que é a produção do conhecimento mais a interação da universidade com a sociedade” (p. 134), motivo pelo qual, a autora explica que “Ensino/Pesquisa/Extensão podem e devem conviver numa dinâmica de momentos diferentes das funções universitárias, promovendo a produção e a exposição do conhecimento” (2007, p.134).

“Com espírito democrático e fraterno na condução de seus objetivos e a liberdade de pensamento e de expressão para o efetivo exercício da cidadania” (UEMS/PORTAL/2023), a universidade se constitui sob a observância das necessidades locais. Assim, busca-se criar e incrementar instrumentos para a consolidação de um novo cenário para a educação, “numa coordenação de ações que inegavelmente configuram hoje como usina geradora da ciência e do saber, um dos pólos irradiadores da sustentabilidade do desenvolvimento de Mato Grosso do Sul” (UEMS/PORTAL/2023).

Conforme os objetivos que norteiam a UEMS, é relevante destacar que a instituição tem um importante papel na consolidação da produção do conhecimento e desenvolvimento científico, assim participa ativamente dos problemas sociais e, portanto, busca desvendar particularidades que somente o ensino/pesquisa/extensão teria condições de explorar.

Nessa perspectiva, a Unidade Universitária de Paranaíba-MS foi a unidade escolhida como lócus da presente pesquisa, para que fosse possível analisar e refletir sobre os usos das mídias digitais pelos docentes no ensino remoto emergencial em tempos de pandemia, motivo pelo qual, a instituição é reconhecida como referência no ensino/pesquisa/extensão na região. Isso demonstra a relevância para o próprio município de Paranaíba/MS, de modo a pensar em termos de desenvolvimento local e na formação dos docentes. Com isso a autora Faria (2013) em sua pesquisa sobre o “Processo de expansão e de interiorização da universidade estadual de

Mato Grosso do Sul (UEMS) e a democratização da educação superior (1993 - 2010)” já demonstrou a importância da instituição no Estado.

Figura 1 - Unidade Universitária de Paranaíba-UEMS



Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/educacao-e-tecnologia/uems-prorroga-inscricoes-em-pos-graduacao-sobre-direitos-humanos>

O Município de Paranaíba-MS, onde a Unidade Universitária descrita está situada, Lócus desta pesquisa, está localizado na região Centro-Oeste do Brasil e posicionado a Leste do estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente, 413 quilômetros da capital Sul-mato-grossense (Campo Grande) e 630 quilômetros de distância de sua sede (Dourados).

Atualmente, o Município possui cerca de 5.405, 480 km² de área territorial, para uma população estimada em 40.957 habitantes, conforme apurado no ano de 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A sua localização geográfica pode ser considerada um importante entreposto comercial em função de seu território estar posicionado entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Sobre a Unidade Universitária de Paranaíba-MS, é importante mencionar que a instituição visa atender às necessidades da população local, regional e dos demais estados vizinhos, de modo que o ingresso se dá por meio de Vestibular e Sistema de Seleção Unificada-SISU (PORTAL UEMS, 2023). Para isso, recebe alunos do próprio Estado e de outras regiões do Brasil, para os quais oferece quatro cursos de graduação, sendo eles: Ciências Sociais-

Bacharelado, Ciências Sociais -Licenciatura, Direito e Pedagogia. Também há oferta de especialização lato sensu em educação e em Direitos Humanos, e especialização Stricto Sensu em Educação (mestrado).

A tabela abaixo apresenta os cursos de graduação da Unidade Universitária de Paranaíba/UEMS, o período de cada curso e o número de vagas ofertadas.

Tabela 1 - Cursos e vagas oferecidas pela Unidade Universitária de Paranaíba-MS.

Cursos	Vagas ofertadas	Período
Ciências Sociais – Bacharelado	20	Noturno
Ciências Sociais – Licenciatura	30	Noturno
Direito – Bacharelado	40	Matutino
Direito – Bacharelado	40	Noturno
Pedagogia – Licenciatura	40	Noturno

Fonte: Elaborada pelo autor com base na Resolução CEPE-UEMS nº 2.474, de 30 de agosto de 2022 e Portal da UEMS/2023 - PPP.

Na tabela 1 é possível perceber que a Unidade Universitária de Paranaíba oferece formação em Bacharel e Licenciatura e somente o curso de Direito-Bacharelado contempla o período noturno e matutino, os demais são ofertados no período noturno. Conforme demonstrado na tabela 1, assim ressalta-se que a análise recai sobre os cursos de Licenciatura que são ofertados no período noturno (Ciências Sociais e Pedagogia).

2.2 Sobre o Ensino Remoto na UEMS

Em meio à crise sanitária as instituições de ensino e as escolas estiveram entre adotar medidas de enfrentamento a covid-19 e dar continuidade no calendário acadêmico. As preocupações foram em torno das recomendações e protocolos sanitários para tentar mitigar os efeitos da pandemia e proteger toda a comunidade acadêmica, de pensar em ações coordenadas para dar continuidade as atividades de ensino/aprendizagem, uma realidade imposta repentinamente que provocou diferentes mudanças em todo o sistema educacional.

Na medida em que a situação de pandemia se agravava nas regiões do Brasil, cada ente da federação brasileira adotava medidas de enfrentamento ao coronavírus, em conformidade com as diretrizes e orientações das autoridades de saúde. Essa situação se estendeu também ao Estado de Mato Grosso do Sul, de tal maneira que foi necessário o reconhecimento de estado de calamidade pública no Estado (PORTARIA nº 870, de 7 de abril de 2020), e as autoridades

locais tiveram que dar uma resposta rápida perante o momento pandêmico, para tentar conter o avanço da covid-19 no estado, embora já houvesse uma previsão para este possível cenário.

Em análise as portarias publicadas referente à educação superior, observa-se que o Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (CEE/MS) emitiu parecer orientativo para o Sistema de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul, a fim de que as instituições de ensino adotassem “estratégias que melhor adequem à sua realidade, considerando as normas vigentes” (CP/CEE/MS n.17/2020). Logo, o CEE/MS fez questão de destacar que a “alteração da rotina das instituições de ensino em conformidade com o parecer orientativo não implique em modificação do regimento escolar e da proposta pedagógica, tendo em vista o caráter emergencial, do caso fortuito e força maior imposta pelo atual cenário”.

Mediante o transcrito acima, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul tratou de instituir o Comitê Multidisciplinar de Ações e Urgências e Emergências (CAUES) em Saúde, a fim de servir de assessoria para as decisões da administração superior da universidade, sobretudo, em relação “às questões inerentes a assuntos urgentes na área da saúde, de repercussão nacional” (PORTARIA UEMS, Nº. 016, de 13 de março de 2020).

Veja que, conforme estabelecido ao comitê:

Art. 2º O CAUES/UEMS é uma Comissão de assessoramento da Administração Superior da Universidade;

Art. 3º Caberá ao CAUES/UEMS a análise de ocorrências de eventos que resultem em mudanças significativas nas atividades no âmbito da UEMS e que demandem medidas para normalizar o funcionamento dessas atividades.

Na decisão que instituiu o CAUES/MS, considerou-se a necessidade de criar uma comissão de assessoramento para amparar a administração superior da UEMS com informações e medidas relevantes sobre a pandemia, sobretudo, para que as decisões da universidade estivessem em consonância com as orientações e protocolos das autoridades de saúde. Desse modo, seria oportuno, levar a conhecimento de toda a comunidade acadêmica e público externo, as informações e os protocolos de saúde adotados pelas autoridades competentes e pela própria universidade para o enfrentamento da covid-19, logo que, o controle da situação pandêmica passa, necessariamente, pela impenhência do Estado e das instituições representativas, para que todos estejam cientes do momento e da gravidade da situação.

Com efeitos a UEMS criou em seu sitio eletrônico um espaço para divulgar “informações científicas e orientações sobre como enfrentar a covid-19 para o público em geral, bem como profissionais de saúde e de segurança pública” (UEMS/PORTAL/ENFRENTAMENTO DA COVID19/2023). Nesta página a universidade

buscou divulgar constantemente “vídeos, protocolos para procedimentos e rotinas, manuais ou guia de orientações, materiais da Organização Mundial da Saúde, do Ministério da Saúde ou de outras instituições de referência”.

Em consonância com as medidas emergenciais, a UEMS decidiu por suspender por prazo indeterminado as atividades presenciais a partir do dia 23 de maio de 2020 e recomendar sua substituição por atividades de Ensino Remoto Emergencial (ERE), em decorrência do avanço dos casos de covid-19 no estado (RESOLUÇÃO CEPE-UEMS N.º 2.153, de 19 de maio de 2020). A determinação de suspender por prazo indeterminado advém da recomendação de autoridades sanitárias e do próprio CAUE/MS, sobretudo, em consideração do cenário drástico que o Estado de Mato Grosso do Sul enfrentava.

No que se refere à resolução, é importante destacar o art. 1º, parágrafo I e II os quais estabeleceram que:

I - a efetiva retomada das atividades de Ensino Remoto Emergencial (ERE) junto ao corpo discente dar-se-á segundo conveniência de cada curso, respeitado o prazo mínimo de 15 dias e, no máximo, até dia 22 de junho de 2020, a partir do dia 23 de maio, segundo diretrizes estabelecidas pela Administração Central da UEMS;

II - o período decorrido, segundo conveniência de cada curso, até sua efetiva retomada junto ao corpo discente, será destinado à adequação e ao desenvolvimento de conteúdos, práticas e metodologias, à organização, estruturação e planejamento das atividades pedagógicas, bem como à respectiva capacitação de docentes, técnicos administrativos e discentes.

Sobre os parágrafos supraditos, observa-se que a retomada das atividades de ensino transpõe diversos desafios para todos os profissionais da instituição. O prazo definido para a mudança do ensino presencial por meios digitais, provavelmente, é insuficiente, sendo que, o prazo destinado para adequar-se foi somente de 15 dias, um período curto diante à necessidade e circunstâncias. Ainda mais que, muitas instituições de ensino aqui no Brasil não dispõem de uma infraestrutura adequada, corpo técnico e professores capacitados, para trabalhar com o ensino a distância.

Em relação às atividades de ensino/aprendizagem, recomendou-se para o trabalho remoto utilizar as ferramentas da educação à distância e tecnologias de informação e comunicação.

Conforme preconiza o artigo 5º da Portaria UEMS N.º 018, de 16 de março de 2020

Os gerentes das Unidades Universitárias, em conjunto com os respectivos coordenadores de curso de graduação e de pós-graduação, deverão incentivar a execução do Plano de Ensino das disciplinas e módulos por meio de Estudo Dirigido, utilizando as ferramentas da Educação a Distância e Tecnologias de Informação e Comunicação (*Moodle, Google Classroom, Google Meet, Skype, Google Hangout,*

Whatsapp, FaceBook, e-mail e outras) por meio de trabalho remoto, quando se fizer aplicável, durante o estado de emergência de saúde pública decorrente da COVID-19.

Embora essa seja uma decisão em caráter excepcional adotada pela UEMS, é importante destacar a mudança abrupta que todas essas medidas provocaram no cotidiano do meio acadêmico alteram, até então, o formato tradicional de ensino/aprendizagem no cenário brasileiro, sendo esse um desafio que se estende a própria instituição de ensino. Pois, conforme destaca Militão (2020) no Projeto Mídia Ciência de Jornalismo Científico “a educação no Brasil é organizada tradicionalmente no âmbito presencial, com aulas dentro do espaço da instituição escolar, onde os alunos e professores se encontram durante 200 dias letivos”. Mudar de forma repentina trata-se de um desafio ainda maior para as instituições de ensino que não possuem infraestrutura adequada para suportar todas essas mudanças.

Em relação às publicações sobre a educação superior em tempos de pandemia na UEMS, é importante fazer outra observação, pois, evidencia-se que as portarias tiveram como foco maiores orientações sobre os protocolos e as medidas de enfrentamento à pandemia. Porém, pouco foram as menções de como deveria acontecer as aulas remotas, com exceção para afirmar que as aulas deveriam ter continuidade na modalidade a distância.

Dessa maneira, houve-se, até então, na maioria das vezes, sugestão de que no caso de suspensão das aulas presenciais, as atividades poderiam ser retomadas e realizadas por meio de ferramentas da educação à distância. Logo, observa-se que pouca atenção foi dada, à estruturação das aulas remotas, além da indicação genérica de que estas deveriam continuar de forma virtual. Em muitos casos, sugeria-se que, diante da suspensão das aulas presenciais, que as atividades poderiam ser retomadas por meio de ferramentas de educação a distância, sem especificar quais deveriam ser utilizadas.

Em meio a toda essa situação imposta por conta da pandemia, é importante chamar atenção e destacar que houve várias mudanças sobre o sistema educacional, sobretudo, provocando alterações em praticamente todos os departamentos no âmbito das instituições de ensino, serviços e atividades foram suspensos ou condicionados ao sistema não presencial como o home office, regime especial ou domiciliar (UEMS/PORTARIA n.18 de março de 2020). Sendo assim, as mudanças repentinas que foram introduzidas com o ensino remoto emergencial afetaram em muito o espaço acadêmico, de modo a interferir e impactar nas atividades de ensino-aprendizagem e as experiências vividas pelos profissionais da educação poderão contribuir para a análise de todo esse cenário.

2.3 Perfil dos participantes da pesquisa

O público alvo da presente pesquisa são os docentes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Ciências Sociais da Unidade Universitária de Paranaíba/UEMS, total de 30 (trinta) participantes, sendo que, a escolha destes professores decorreu em função de que atuam nos cursos voltados para a formação de profissionais aptos para atuar no campo educacional, motivo pelo qual, seria importante analisar as experiências e desafios sobre o uso das mídias digitais em tempos de pandemia a partir do olhar destes profissionais. Nesse sentido, para analisar o perfil do público alvo da pesquisa, foi realizado e aplicado um questionário por meio de um formulário enviado via Gmail (google forms) junto aos professores efetivos dos cursos de licenciatura na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS e os critérios de participação da pesquisa compreende ter atuado no ensino remoto emergencial, como também em concordar e assinar o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE).

Cumpra-se asseverar que 30 (trinta) docentes foram convidados a participar e responder a pesquisa, deste total, 15 (quinze) professores responderam ao questionário proposto. Dois docentes atuam tanto no curso de pedagogia quanto em ciências sociais, porém, procuramos enviar somente um questionário para cada participante, independente de lecionar em ambos cursos.

A primeira parte da coleta de dados consiste em identificar e apresentar algumas informações relevantes sobre cada professor, de modo que, o primeiro ponto abordado refere-se ao sexo dos participantes da pesquisa. Conforme verifica-se na tabela que segue, do total que se dispuseram a responder o questionário, 10 (dez) professores se identificaram como sendo do sexo feminino, enquanto que 5 (cinco) disseram ser do sexo masculino.

Tabela 2 – Sexo dos participantes da pesquisa.

Sexo	Percentual
Feminino	66,7%
Masculino	33,3%

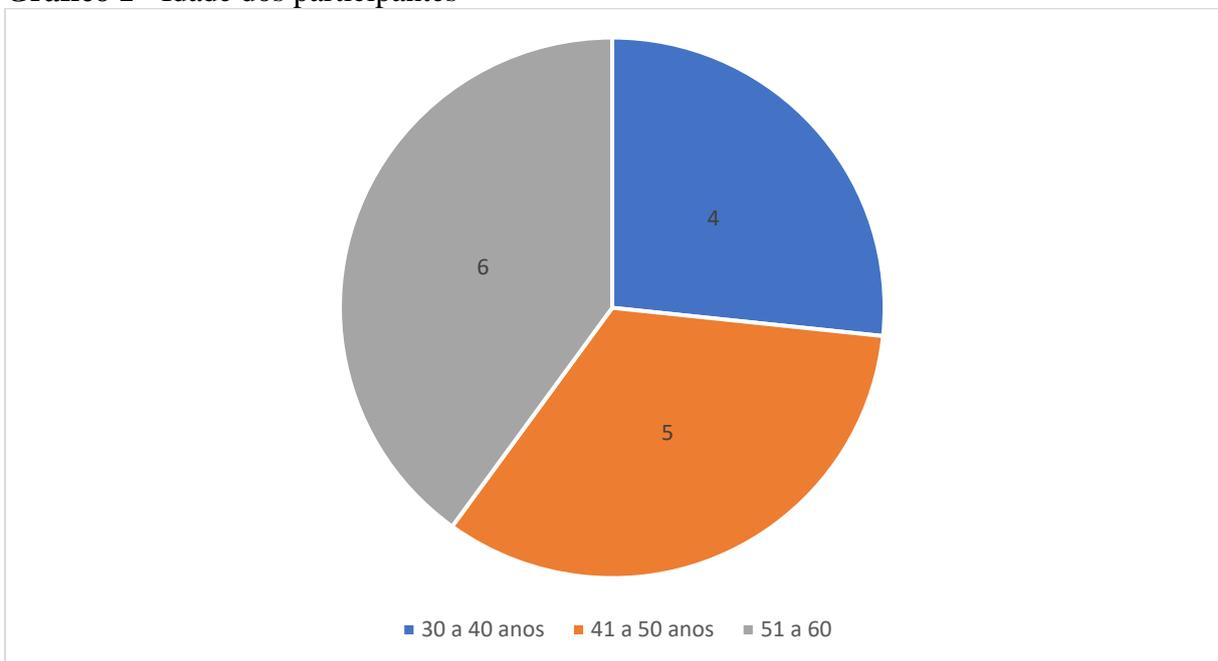
Fonte: Elaborada pelo autor

Diante a demonstração da tabela acima, fica evidente que há uma predominância da participação feminina na pesquisa, com 66,7% dos participantes, ao tempo que o sexo masculino representou somente 33,3% dos pesquisados. Desse modo, demonstra-se que nesse recorte há um quantitativo muito maior de professores do sexo feminino nos cursos de

licenciaturas da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba, sendo que há cada três professores participantes, dois são do sexo feminino.

Outra característica importante dos professores refere-se à idade. A fim de ilustrar a distribuição dos participantes por idade, foi necessário por ocasião separar as informações referente à idade dos participantes em 3 (três) grupos distintos: o primeiro destina-se aos professores que estão com idade entre um intervalo de 30 a 40 anos; o segundo grupo encontra-se num espaço de idade entre 41 a 50 anos; e o terceiro grupo de 51 a 60 anos. A organização dos dados será possível constatar no gráfico 1 logo abaixo.

Gráfico 1 - Idade dos participantes



Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

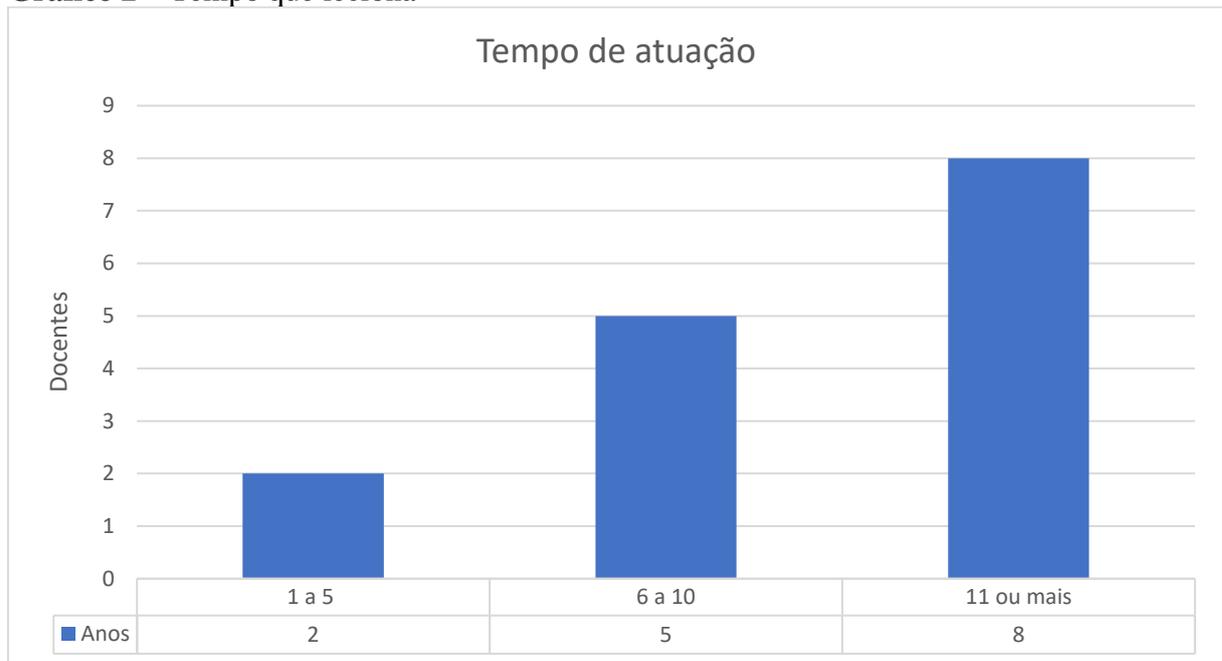
Em relação ao gráfico 1, o terceiro grupo com idade entre 51 a 60 anos representa a maior parte dos participantes que compõem a pesquisa, total de 6 (seis) professores. O segundo grupo com idade entre 41 a 50 anos é formado por 5 (cinco) professores. O terceiro grupo com idade entre 30 a 40 anos de idade possui 4 (quatro) professores. Fica evidente que há certa regularidade em relação à todas as faixas etárias de idade, pois nota-se que a faixa etária dos cursos de Pedagogia e Licenciatura são, em geral, constituídos por docentes com um equilíbrio de geração.

Outro quesito considerado relevante e destacado no questionário foi em relação ao tempo de atuação dos pesquisados. Dessa forma destaca-se e apresenta-se no gráfico 2 o tempo de experiência profissional dos participantes. Tão logo, entende-se que a docência superior é

uma profissão construída no dia a dia do exercício, alicerçada pelas experiências das trajetórias pessoais e profissionais peculiares a cada sujeito.

Conforme averigua logo abaixo, as informações estão divididas em três colunas: a primeira corresponde aos docentes entre 1 a 5 anos de atuação; a segunda os docentes com atuação entre 6 a 10 anos; e a terceira os docentes com 11 ou mais anos de exercício.

Gráfico 2 – Tempo que leciona



Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

Conforme demonstrado no gráfico acima, (2) dois professores responderam ter entre 1 a 5 anos de atuação, 5 (cinco) docentes responderam ter entre 6 a 10 anos de atuação e (8) oito disseram ter 11 ou mais anos de atuação. É importante destacar que um professor respondeu referindo o seu tempo de atuação somente em relação à UEMS, enquanto que outro respondeu mencionando somente na educação superior.

É de conhecimento que todos os professores atuam no período noturno, porém teve-se por intenção em verificar se os participantes tem dedicação exclusiva ao curso de licenciatura. Tem-se com as respostas apresentadas que 4 (quatro) dos participantes atuam em dois turnos diferentes e, portanto, isso demonstra que a maior parte dos professores – 10 (dez), têm dedicação exclusiva para os cursos de Licenciatura.

As informações obtidas através da coleta de dados são importantes e revelam que houve a predominância de professores do sexo feminino, com uma média de idade de aproximadamente 47 anos e com um tempo de atuação e experiência profissional na área da educação que corresponde em média a 15 (quinze) anos.

3. O ENSINO REMOTO E OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS PELOS DOCENTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

3.1 Uma análise sociológica sobre os usos das mídias digitais

Estudar a atual sociedade requer, em seus mais amplos e diversos aspectos da vida social, compreender que estamos diante da inserção das tecnologias digitais, a qual interfere e impacta o modo de vida das pessoas. Com a presença das tecnologias digitais, passa-se a estar diante um universo de constantes mudanças que provocam transformações plenas em inúmeros domínios da sociedade - da vida pessoal ao profissional. O ritmo acelerado das tecnologias é tão significativo e abrangente que culmina em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo mais curto, e a intensificação das tecnologias impulsiona todos os setores da sociedade a se adaptar a uma nova realidade.

Cada vez mais são perceptíveis as tecnologias presentes na vida social, reverberando em diversos espaços do cotidiano. No campo da educação, passa-se a estar diante as mudanças e os desafios que este fenômeno impõe em termos de novas formas de ensinar, aprender, pesquisar, uma vez que não é difícil perceber que uma boa parte dos processos sociais passa a depender, em algum momento dessa nova arquitetura contemporânea (NASCIMENTO, 2016). Este é um universo amplo e complexo, porém, ainda pouco explorado pela ciência no cenário brasileiro, caso seja investigado, poderá resultar em análises mais ricas e mais profundas a respeito da vida social (FACIOLI; PADILHA, 2019). Ademais, privar o campo da educação dessa discussão afastaria a possibilidade de pensar de forma crítica sobre muitos aspectos, sobretudo, de evitar que o processo educacional não se converta em domínio do próprio capitalismo.

Isto posto, tem-se o objeto em fazer um exame analítico sobre os usos das mídias digitais pelos docentes que atuam nos cursos de licenciatura em Pedagogia e Ciências Sociais na Unidade Universitária de Paranaíba-UEMS, no sentido de investigar como as tecnologias se conectam na vida cotidiana e profissional desse público, e em que frequência isso ocorre.

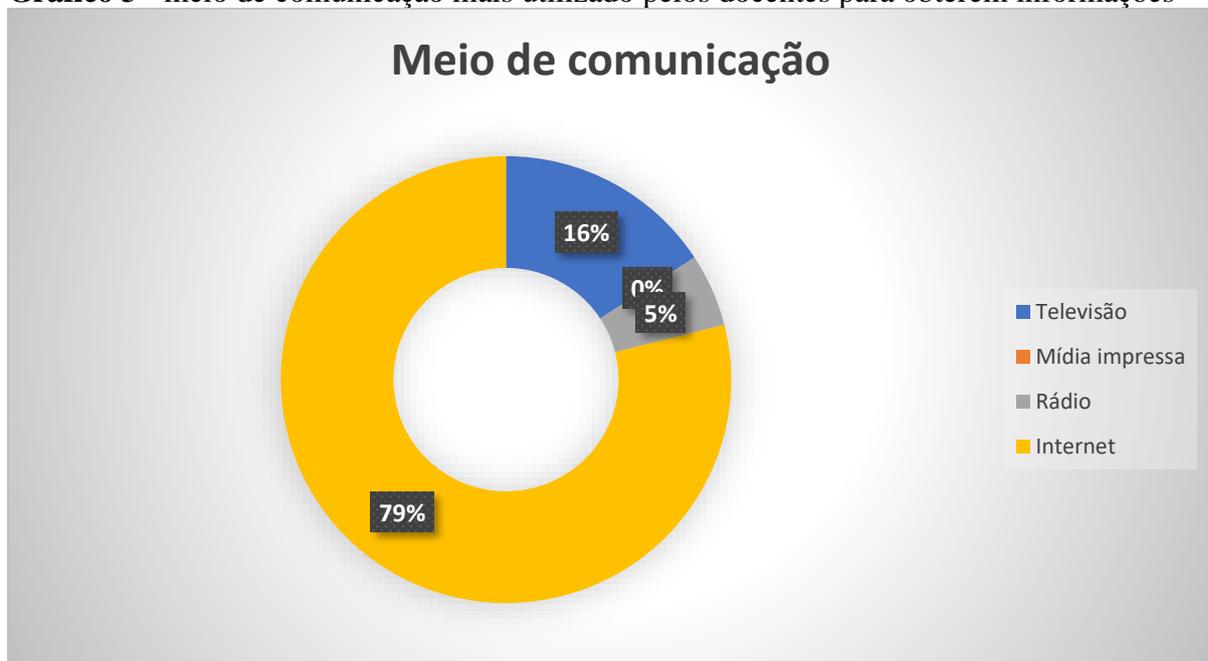
Para dar início a esse movimento analítico, pergunta-se se os docentes possuem um aparelho tecnológico (Smartphone) e todos os docentes participantes da pesquisa responderam que possuem um Smartphone. Sabe-se que com os avanços tecnológicos o uso de dispositivos passou a fazer parte da realidade social e se torna cada vez mais comum observar os indivíduos utilizando-se destas tecnologias no cotidiano.

Por sua vez, tivemos por questão indagar se os docentes tem acesso a internet? Desde quando? Diante à indagação, todos os professores relataram possuir acesso à internet, indicando que já fazem o uso há bastante tempo.

Posteriormente, dentre os canais disponíveis (televisão, rádio, internet, entre outros), questionou-se qual o mais utilizado por eles para obter informação. Como resposta, a internet predominou entre os canais mais utilizados, embora teve professor que pontou, também, o uso da televisão e do rádio para obter informação.

Por fim, a fim de demonstrar de forma gráfica o resultado, o gráfico 3 ilustra as respostas dos professores sobre o meio de comunicação mais utilizado para obter informações, sendo que, opções as foram a mídia impressa, o rádio, televisão e internet.

Gráfico 3 - meio de comunicação mais utilizado pelos docentes para obterem informações

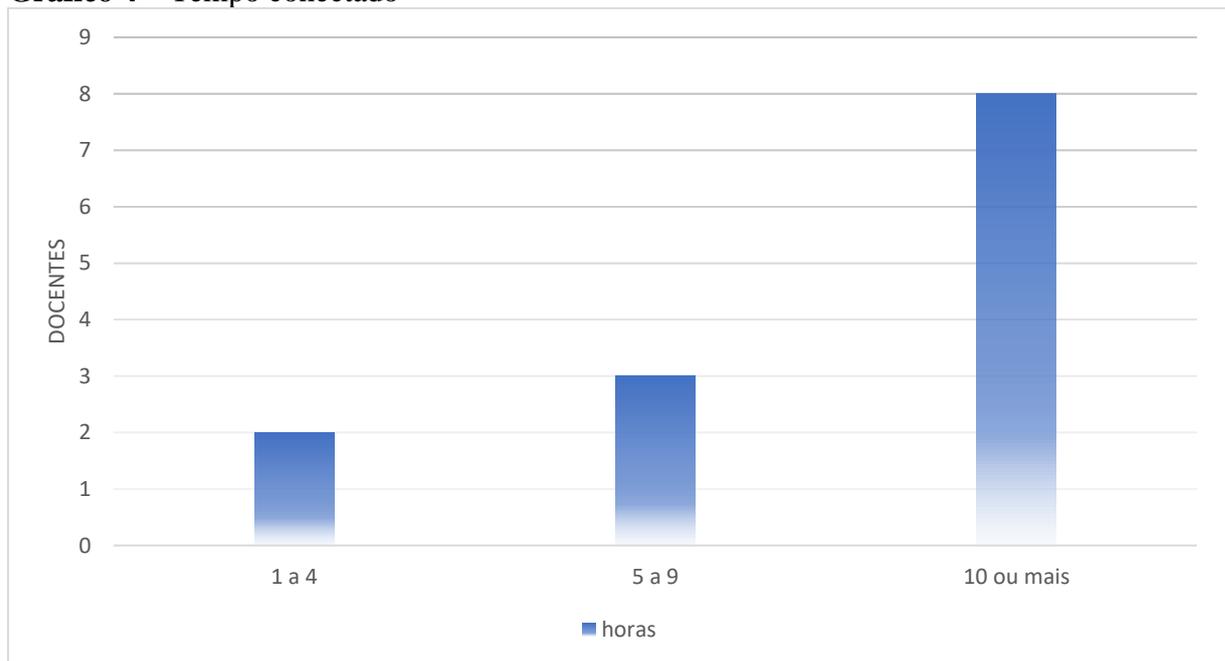


Fonte: elaborado pelo autor (2023)

No gráfico acima fica evidente que as tecnologias assumiram um importante papel no mundo atual, de modo que essas ferramentas possibilitam difundir e obter informações, e a manter a interação entre os indivíduos. De acordo com as respostas obtidas, a internet aparece como meio de comunicação mais utilizado pelos docentes para se informar. Nota-se que, com a presença das tecnológicas, temos experimentado novas formas de conseguir obter informações, de modo que, as mídias digitais passam a tomar conta do nosso cotidiano, influenciando significativamente as relações sociais e ao mesmo tempo o comportamento humano.

Consoante às provocações, foi perguntado aos docentes quantas horas em média eles passam conectados e para ilustrar as respostas o gráfico 4 apresenta um balanço sobre a quantidade de horas que os participantes da pesquisa costumam ficar conectados à internet. As respostas estão distribuídas da seguinte maneira: a primeira coluna são os professores que ficam conectados entre 1 a 4 horas por dia; na segunda são os docentes que ficam entre 5 a 9 horas; e na terceira os professores que ficam 10 ou mais horas por dia.

Gráfico 4 – Tempo conectado



Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

Conforme constatado no gráfico 4, a maioria dos participantes passam boa parte do tempo conectados à internet, sendo que (8) oito professores chegam a ficar 10 (dez) ou mais horas utilizando a internet, (3) três costumam ficar de cinco a nove horas por dia e somente (2) dois docentes permanece em média de uma a quatro horas na internet.

Como demonstrado anteriormente, todos os docentes disseram possuir um aparelho Smartphone e a maioria deles relataram utilizar destes dispositivos tecnológicos em suas atividades pedagógicas e profissionais, até com uma certa facilidade. Porém, é relevante ressaltar que houve relatos de alguns professores dizendo que em alguns casos seria importante uma formação continuada para promover a capacitação profissional, de modo a orientar melhor esse processo.

Em relação ao tempo que os professores passam conectados à internet, foi perguntado quais sites costumam acessar com maior frequência e a tabela 3 apresenta as respostas.

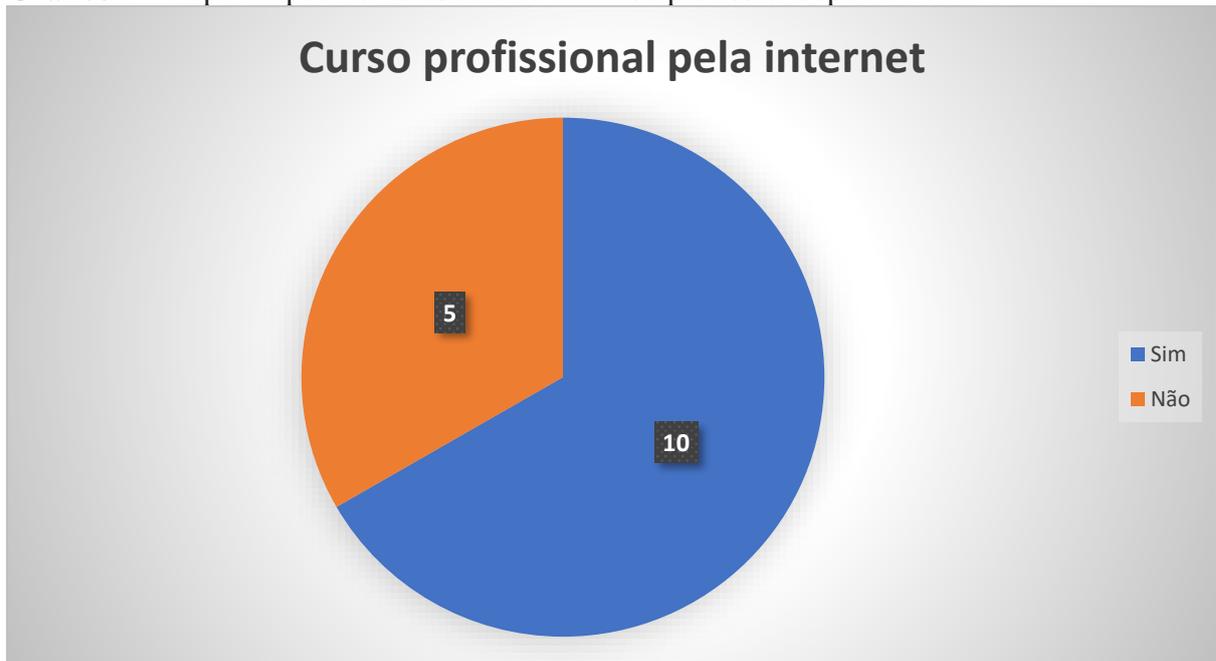
Tabela 3 – Sites acessados com maior frequência

Sites
Informações, Organizações Públicas
Sites de trabalho como Moodle, de pesquisas, E-mail, etc.
Youtube, jornais.
Gmail, You tube, Globo.com, Metamorfose Digital
Sites de trabalho (SAL, E-mails, etc.)
Youtube
E-mail, Google, Instagram, Uol, Facebook
Jornais e redes sociais
Jornais e blog de notícias
Sites institucionais e plataformas variadas
Sites de trabalho, notícias e MPB
Redes sociais, páginas informativas/jornalísticas e ligadas a ciências sociais
Sites educacionais, de pesquisa, etc.
Base de dados, sites institucionais, redes sociais.
Base de dados de pesquisa (SciELO, Periódicos Capes, google científico, IBICT, revistas cult., Piauí, Diplomatieque Brasil) sites de rádio (rádio cultura FM de São Paulo, nova Brasil FM, rádio batuta, etc.)

Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Sobre a relação dos sites demonstrados na tabela 3, evidencia-se que os professores passam uma boa parte do tempo conectados em diversos sites e plataformas. Também é importante destacar que os sites e as plataformas descritas pelos docentes são de uso para obter informações, pesquisas e conteúdos atinentes ao campo da educação, de modo a contribuir com o trabalho docente.

Posteriormente, verificamos juntos aos professores se já participaram de curso profissional realizado pela internet e no gráfico 5 será possível observar as respostas.

Gráfico 5 – Já participou como estudante de curso profissional pela internet?

Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

De acordo com as respostas dos professores, é possível verificar que a maioria respondeu que já participou de cursos profissionais pela internet, do total de participantes, (10) dez responderam que sim, enquanto que os demais – 5 (cinco), responderam que não. Tem-se aqui uma participação majoritária dos docentes com o interesse pela qualificação profissional e a internet pode ser considerada uma aliada para o aprimoramento do conhecimento.

Com vistas a verificar as experiências obtidas pelos docentes que já participaram de curso profissional pela internet, foi perguntado como avalia o conteúdo. A tabela 4 apresenta a respostas dos professores quanto a essa indagação.

Tabela 4 – Como avalia o conteúdo

Site
A maioria é ruim
Vejo que em alguns casos a aprendizagem é reduzida
Já participei de vários tipos de cursos. Uma graduação e diversas de especialização. Há alguns que são superficiais e outros com profundidade
Tive uma boa experiência
Satisfatório
Razoável

Satisfatório

Tive duas experiências. Numa delas o conteúdo era limitado (Brasil) e em outra era completo (exterior)

Razoável

De um modo geral, a experiência foi positiva

Formação Moodle. No momento da pandemia, foi uma boa oportunidade

Fonte: elaborado pelo próprio autor com base nas respostas dos docentes

Conforme apresentado na tabela 4, é possível verificar que os docentes relataram suas experiências com os conteúdos acessados por meio das ferramentas tecnológicas com respostas alternadas. As respostas foram: positiva; satisfatória; razoável; reduzida; e ruim. Houve professor que relatou ter participado de vários cursos na internet e suas experiências revelam que, em alguns casos, há cursos superficiais, porém, em outros, com maior profundidade. É importante frisar que somente (2) dois docentes relataram não participar de curso pela internet.

Os relatos dos docentes sobre os usos das tecnologias digitais são importante para perceber que, conforme sinaliza a autora Oliveira (2022, p. 10), “[...] com advento das tecnologias digitais, a sociedade contemporânea não é a mesma que a de algumas décadas passadas”, essa presença constante no cotidiano social rompe e praticamente marca um novo modo social, “o momento atual é de ruptura com práticas de períodos anteriores, pois a manualidade de espaço à conectividade, ao fazer digital” (PEIXOTO, OLIVEIRA, 2022, p. 83).

De acordo com Nascimento (2020, p. 11),

As tecnologias digitais passaram a compor uma parte fundamental da vida em sociedade. Os computadores pessoais (desktops), os smartphones, os tablets e laptops exercem diversas funções vinculadas ao trabalho, ao lazer e ao relacionamento entre os indivíduos. A massiva utilização de redes sociais digitais e de ferramentas de buscas sugerem que o modo como nos relacionamos e buscamos informação foi, desde o aparecimento da rede mundial de computadores (world wide web), completamente alterado.

O fato é que as tecnologias digitais passaram a fazer parte das mais diversas atividades humanas, assim como bem observado por Oliveira (2022, p. 93), “o que nos era comum, hoje se tornou obsoleto, o novo tem se inserido com grande precisão, como no caso das ferramentas diárias, as quais utilizamos para nos comunicar”. Logo, experimenta-se uma nova face, a

reconfiguração de uma “sociedade baseada em relações face a face para uma era em que as relações mediadas digitalmente e em rede” (MISKOLCI, BALIEIRO, 2018, p.1).

Sobre a interação face a face o autor Thompson vai dizer que,

A interação face-a-face é «dialógica» tipicamente, no sentido de que geralmente implica num fluxo comunicativo e informativo de duas vias; um dos indivíduos fala com o outro (ou outros) e a pessoa a quem ele se dirige pode responder (pelo menos em princípio), e dessa forma o diálogo se desenrola. Outra característica da interação face-a-face é que ela geralmente contempla uma multiplicidade de referências simbólicas; as palavras podem ser complementadas por gestos, expressões faciais, variações de entonação, etc. com o objetivo de transmitir mensagens e de interpretar mensagens das outras pessoas (2008, p. 17)

A explicação mencionada é importante para compreender que na relação face a face evidenciam-se características de co-presença, ou melhor, a presença de duas ou mais pessoas partilhando do mesmo espaço e tempo, e o diálogo acontece de diversas formas, as falas, gestos, expressões, entre outras. Diferentemente da interação face a face, com a utilização das mídias digitais há normalmente a separação em termos espaciais e temporais, sendo que, pessoas “não compartilham do mesmo referencial espaço-temporal que nós e a natureza de nossa interação será moldada pela diversidade das características espaciais e temporais, e pela diversidade das características do meio empregado” (THOMPSON, 2008, p. 18).

Com a utilização das mídias digitais de comunicação “[...] novas formas de nos localizarmos no espaço, de ler livros, de escutar músicas, de nos relacionarmos, de buscar informações [...] (NASCIMENTO, 2020, p. 11)” e, portanto, conforme Facioli e Padilha (2019, p. 235), eis que, “o digital aponta para um conjunto de transformações sociais que exigem mudanças no modo como entendemos e investigamos a vida em sociedade”.

A utilização das mídias comunicacionais gera diversas formas de interação mediada que diferem da interação face a face em aspectos cruciais (THOMPSON, 2008, P. 17), é importante considerar que “as relações sociais foram profundamente transformadas pelas mídias em rede impondo o desafio de reconhecer as consequências da intensificação da exposição às mídias de massa por meio das em rede” (MISKOLCI, BALIEIRO, 2018, p.151). Como bem observado por Miskolci (2016, p.294) “as relações sociais têm passado a se dar crescentemente de forma mediada pelo uso das tecnologias comunicacionais em rede e suas plataformas conectivas, o que não as transfere para outro espaço, tampouco as torna menos direta [...]”.

Acontece que “as mídias digitais, e o ambiente criado a partir de suas conexões, estão articuladas com a vida humana – no que ela tem de mais sublime e mais complexo” (MARTINO, 2015, p.9), logo, é preciso perceber “as mudanças internas radicais no modo como pensamos, como sentimos, como nos relacionamos, como percebemos e organizamos o mundo,

como refletimos sobre questões econômicas e políticas” [...] (PADILHA; FACIOLI, 2018, p. 314).

As relações sociais foram profundamente transformadas pelas mídias em rede impondo o desafio de reconhecer as consequências da intensificação da exposição às mídias de massa por meio das em rede, consequências íntimas e públicas que se estendem de um espectro que vai das relações amorosas, familiares até as econômicas e políticas (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018, p. 151).

Outrossim, “o fascínio tecnológico da era do digital não está, no entanto, na materialidade dos equipamentos e recursos que lhes viabiliza a existência. Ele transcende o contexto maquínico e mesmo as propriedades técnicas, sempre em atualização” (KENSKI; MEDEIROS; ÓRDEAS, 2019, p.142). É preciso lembrar “sempre que às máquinas e a tecnologia não são o outro, mas devem ser concebidas segundo a imagem e semelhança daqueles que a construíram” (NASCIMENTO, 2016, p.238).

As mídias comunicacionais não se restringem aos aparatos técnicos usados para transmitir informações de um indivíduo a outro enquanto a relação entre eles permanece inalterada; ao contrário, usando as mídias comunicacionais <<novas>> formas de agir e interagir são criadas considerando-se suas propriedades distintas específicas (THOMPSON, 2008, p.17).

Com base nas respostas dos docentes, o universo tecnológico assume nesse cenário desafiador um importante canal de acesso a diversos conteúdos e informações, eis que, boa parte dos professores passam parte do seu tempo conectados a diversos sites de pesquisa de teor educacional e pessoal. Com o advento tecnológico, passa-se a estar diante um universo de possibilidades e a internet poderá significar um aliado importante para a capacitação profissional, dado que o conhecimento hoje ultrapassa os espaços físicos da escola. Todavia, é necessário atentar que a amplitude da internet também abre espaço para as organizações com menor qualidade de conteúdo e formação profissional, de modo que, se evidenciou isso nos relatos de professores.

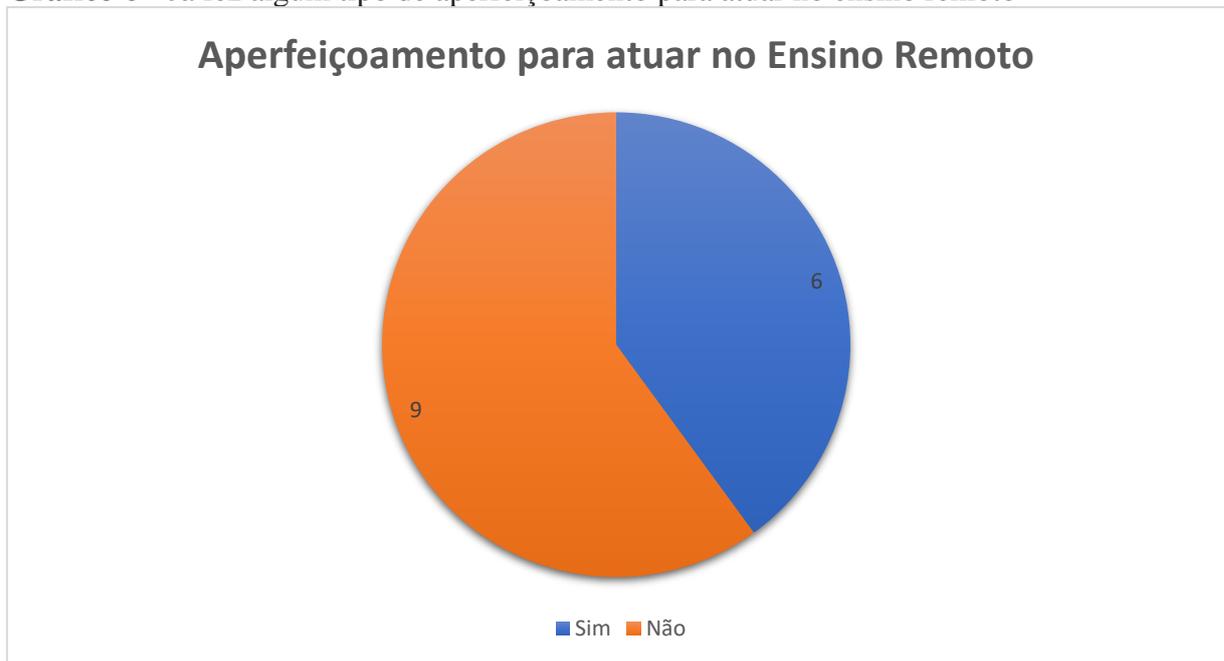
3.2 Os usos das mídias digitais com ensino remoto emergencial

As informações coletadas corroboraram para o entendimento de que as tecnologias digitais apontam para um conjunto de mudanças nos processos sociais, transpondo diversos desafios para a contemporaneidade. Um dos desafios está diretamente ligado ao campo da educação. A seguir, explora-se a questão sobre os usos das mídias digitais na UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba-MS utilizando como recorte o ensino remoto emergencial, de modo

a reunir um conjunto de informações cujo universo torna possível apresentar uma análise fecunda sobre as experiências e os desafios que os docentes dos cursos de licenciatura – pedagogia/ciências sociais - tiveram em relação ao uso das mídias digitais na educação superior em tempos de pandemia.

Para dar início a esse movimento analítico foi preciso constatar se os sujeitos pesquisados haviam realizado algum tipo de aperfeiçoamento para atuar no ensino remoto e o gráfico 6 apresenta as respostas de forma objetiva.

Gráfico 6 - Já fez algum tipo de aperfeiçoamento para atuar no ensino remoto



Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

Como se nota no gráfico 6 descrito, 9 (nove) docentes responderam que não haviam realizado curso de aperfeiçoamento para atuar no ensino remoto, enquanto que 6 (seis) professores informaram ter participado de curso de capacitação profissional. Sobre os professores que disseram ter participado, 3 (três) deles informaram que acesso ao curso de capacitação ocorreu por meio de oferta do Estado, ao passo que os outros 3 (três) informaram que tiveram a formação ofertado tanto por parte do Estado quanto através do setor privado.

É de conhecimento que os cursos de aperfeiçoamento consistem em sua maioria para contribuir com o desenvolvimento ou para ampliar as habilidades e competências profissionais e tais informações revelam que a maior parte dos docentes não tiveram a oportunidade de ter uma preparação adequada para atuar no ensino remoto emergencial, seja por ausência e/ou negligência do Estado, ou até mesmo em virtude de que foi introduzido de forma repentina. Desse modo, as respostas dos professores evidenciam que houve uma

fragilidade em relação à preparação destes profissionais para atuar com o ensino por meio do uso das mídias digitais.

Também buscamos investigar quais as mídias digitais que foram empregadas pelos docentes para realizar a interação com os estudantes no ensino remoto emergencial e a tabela 5 apresenta as respostas trazidas pelos participantes da pesquisa.

Tabela 5 – Mídias digitais utilizadas na pandemia para se comunicar com os estudantes

Mídias
Google Meet foi a principal. Moodle esporadicamente
E-mail, WhatsApp, Moodle, Google Meet.
Classroom; Moodle; Teams
Chamadas de vídeos, vídeos e podcasts
E-mail, Moodle, WhatsApp, Google Classroom e Teams
Google Classroom, Moodle, Teams, e aplicativos diversos como OBS
E-mail, WhatsApp, Moodle
Moodle, Classroom, Teams
WhatsApp
WhatsApp e Google Sala de Aulas
WhatsApp, Meet, Teams
WhatsApp e Google Classroom
WhatsApp
Moodle, Google Meet e Google Classroom
Usei plataformas digitais (Microsoft Teams e tudo o que ela oferece: publicação de vídeos, podcasts, leitura de mapa conceitual, publicação de textos, interações coletivas, além de envio de vídeos disponíveis no Youtube, Google Meet para reuniões de orientação etc.) Não usei WhatsApp, por sinal, odeio!!!

Conforme demonstrado na tabela 5, houve a utilização de várias mídias digitais para se comunicar com os estudantes no ensino remoto emergencial e entre as principais estão WhatsApp, Google Meet, Google Classroom, Teams, entre outras. Nessa perspectiva, é possível observar que algumas das mídias citadas são de uso cotidiano e os docentes podem ter optado por utilizá-las em função de que há um conhecimento prévio sobre as funcionalidades que cada uma dispõe. Por outro lado, teve professor que utilizou de uma única mídia digital para interagir e comunicar com os estudantes, motivo pelo qual, a falta de condições para trabalhar no ensino remoto reflete e demonstra a precariedade em termos de estrutura para o desenvolvimento do trabalho docente na pandemia.

No presente caso, cumpre ressaltar que em sua maioria essas mídias disponíveis são de propriedade das grandes corporações detentoras do mercado educacional privado, e conforme destaca Dijck (2018, p.119) “são os principais guardiões nos fluxos de dados que alimentam o setor educacional on-line, que está se transformando em um mercado global em expansão” (Tradução nossa). Desperta-se com isso uma preocupação para a educação pública devido o mercado privado ter acesso a todos esses dados, com isso não se sabe ao certo quais serão os fins dessas informações.

Outro aspecto relevante para a pesquisa se deu em relação a conhecer como foi, na visão dos participantes, o empenho e a estrutura oferecida pela Unidade Universitária de Paranaíba/UEMS no tocante ao uso dos meios tecnológicos para o desenvolvimento das atividades de ensino/aprendizagem. Destarte, sabe-se que os docentes precisam de melhores condições de trabalho e a estrutura física é uma condição indispensável para o bom desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Sobre o ponto de vista dos docentes, em sua maioria, relataram ter havido pouco apoio e falta de estrutura por parte da UEMS, em particular devido os professores terem que utilizar de suas próprias estruturas (equipamentos, internet, etc.) para desenvolver as atividades. Para eles, a instituição não estava preparada para lidar com toda a situação imposta pela pandemia e, de acordo com Saviani (2021, p.41) “as escolas públicas carecem, há muito tempo, de materiais pedagógicos, bibliotecas e mobiliários, além de infraestrutura adequada, com itens primários, como abastecimento de água e rede de esgoto”. Infere-se, portanto, que as limitações de estrutura e a sobrecarga de trabalho podem ter levado os professores ao cansaço e desgaste mental.

Conforme afirmação dos professores,

convivemos com a precariedade. Assumimos o ensino remoto utilizando e até muitas vezes, comprando nossos equipamentos e pagando a internet para uso em horário de trabalho.

A estrutura foi toda organizada por mim, com meus equipamentos, minha internet e meu espaço pessoal.

Como se observa na fala de dois docentes entrevistados, a ausência de estrutura trouxe implicações nas relações acadêmicas e pedagógicas, de modo a incidir no ensino e na aprendizagem dos estudantes. Dessa maneira, sabe-se que o ensino, seja em qualquer formato, não pode ser desprovido de estrutura e para o desenvolvimento das aulas no ensino remoto emergencial deveria ter acesso à internet de qualidade, equipamentos tecnológicos, salas apropriadas, capacitação docente, entre outros.

Diante dos desafios já mencionados, perguntamos aos docentes se conseguiram interagir com os estudantes e a tabela 6 apresenta as seguintes respostas:

Tabela 6 – Interação e orientação com os estudantes a partir das mídias digitais

Respostas dos docentes

Excepcionalmente.

Consegui. Foi tranquilo, porém percebi que alguns alunos tinham restrições de uso e acesso, devido a equipamentos e pacotes de dados.

Entendo que sim. Eu deixava os conteúdos nas plataformas e conversava semanalmente com eles.

Sim. Foi difícil, sobretudo com os alunos mais velhos.

Sim, embora não tenha sido fácil.

Sim. Eu achei tranquilo, salvo baixa qualidade de acesso à rede por parte de muitos alunos, incluindo rede e hardware.

Consegui pelo WhatsApp e Google Meet que foram as formas pelas quais os alunos tinham mais contato e disponibilidade de serem orientados.

Sim. Não tive problemas quanto ao conteúdo. O que percebi é que os alunos sentiram falta de interação entre eles e isso abalava um pouco o humor diante do ensino remoto.

Dependeu muito da atuação do aluno. Mais ou menos como no presencial.

A interação foi bem limitada. Os alunos não abriam as câmeras.

Razoavelmente, pois os discentes não possuem muito tempo, continuavam trabalhando, não tinham muito acesso à internet, somente com os dados móveis, que acabavam logo com as aulas.

Quando o aluno possui acesso adequado, o retorno é positivo, mas muitos alunos tem problemas de acesso.

Sim.

Foi um período de grande dificuldade de interação.

Sim, muito tranquilo. Não tenho problemas com isso.

Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

Como visto na tabela 6, a grande maioria avalia que conseguiu interagir e manter orientação por meio das mídias digitais, mesmo diante às dificuldades e limitações. Posto isto, os docentes relataram alguns dos fatores e obstáculos enfrentados para manter a interação com os estudantes, seja em termos de acessibilidade, devido à má qualidade de internet e equipamentos. Soma-se às dificuldades enfrentadas, o fato de que em algumas situações tem estudantes que trabalham e isso acaba por restringir o tempo de dedicação para o planejamento das atividades.

Com o ensino remoto emergencial os docentes tiveram que enfrentar uma realidade diferente. As novas formas de ensinar e aprender foram pautadas em uma nova maneira de comunicação entre os estudantes e os professores por meio do uso das tecnologias na educação. Para ilustrar um pouco do que foi esse cenário de adaptações e desafios para o espaço escolar, em especial a desigualdade de acesso enfrentada por muitos estudantes que não dispunham de internet com qualidade para poder acessar as plataformas e conteúdo, segue abaixo um comentário feito pelo professor (a):

A desigualdade no acesso comprometeu a aprendizagem para os que não tinham recursos físicos, como internet rápida e bons computadores e smartphones. A falta de estrutura residencial, como a ausência de um espaço de estudo nas residências, também pesou contra o ensino remoto.

Sabe-se que a desigualdade social é um problema crônico no Brasil e, ao longo dos anos, a educação tem sido afetada em massa por essas disparidades que refletem no processo de ensino e na aprendizagem dos estudantes. A pandemia revelou e agravou ainda mais esse quadro, muitos estudantes sequer tiveram condições mínimas de acesso e equipamentos adequados para participar das aulas no ensino remoto emergencial. A maioria dos professores relatou não observar resistência por parte dos estudantes quanto ao uso das mídias digitais na questão pedagógica, tão logo, pode-se dizer que a ausência de

equipamentos adequados, internet de qualidade, entre outros, foram fatores determinantes para afetar o processo de aprendizagem e ampliar as dificuldades em tempos de pandemia.

Em seguida, ao analisar as respostas dos docentes sobre a possível resistência dos estudantes ao uso das mídias digitais, destacam-se os relatos de que:

“Não. Acho que os alunos percebem o quanto as tecnologias podem facilitar as pesquisas, principalmente, porém, muitos reclamam por não terem equipamentos eficientes ou pacotes de dados insuficientes”.

Não consegui perceber. Alguns eram contrários antes da pandemia, mas durante a pandemia não percebi problema relacionados ao aprendizado, mas descontentamento em relação à pobreza dos laços sociais. Me reportaram também, em rodas muito informais, descontentamento com docentes que priorizam a aula remota de baixa qualidade.

Não consegui observar resistência na questão pedagógica. O que foi enfatizado por eles foi a ausência de contato humano e interações sociais com os outros alunos. Em uma aula os alunos me falaram que a tristeza era por não participarem das festas e não namorarem. A perda social foi imensa e foi a partir dessa conversa que compreendi o grande impacto que a pandemia impôs aos estudantes, sobretudo os que estavam no primeiro ano em 2020. Uma perda pedagógica que merece atenção é que dificultou ao docente perceber mais rapidamente quem estava com alguma dificuldade de aprendizagem, o que só foi percebido nas avaliações. Isso é algo que merece ser repensado.

É pertinente destacar que os relatos descritos evidenciam que os estudantes, em sua maioria, não foram resistentes às novas formas de ensinar e aprender a partir do uso das mídias digitais. No entanto, fica nítido o descontentamento em relação à fragilidade dos laços sociais. Claro que o distanciamento social também impactou esse processo e rompeu bruscamente com o contato humano que, aliás, acabou afetando os aspectos emocionais de todas as pessoas, até porque, de forma repentina, foi preciso mudar os hábitos e costumes.

Por sua vez, perguntamos aos docentes se acreditavam que foi possível trabalhar os conteúdos programados no ensino remoto emergencial e na tabela 7 apresentamos as seguintes respostas:

Tabela 7 – Foi possível trabalhar os conteúdos programados no ensino remoto?

Respostas dos docentes

Sim.

Foram trabalhados os conteúdos priorizados, porém de forma muito reduzida.

Sim.

Parcialmente.

Mesmo de modo condensado, acredito que sim.

Sim.

Não de maneira completa.

Totalmente.

Sim.

Não.

Os programados para esse período, sim. Mas não de forma apropriada, aprofundada como deveria. A disciplina de matemática exige parte prática, que foi impossível de efetivar.

Não.

Não.

Os conteúdos foram resumidos.

Eu trabalhei. Dei minhas aulas, disponibilizei material aos meus alunos, interagia etc. Para mim, só mudou a sobrecarga de trabalho advindas das tomadas de decisão da Universidade.

Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

Conforme demonstrado na tabela 7, apenas 3 (três) docentes responderam de forma objetiva afirmando que “não” foi possível trabalhar os conteúdos programados. Todavia, ainda não se tem uma precisão exata sobre os efeitos da pandemia em relação ao ensino e aprendizagem na educação superior com as aulas no ensino remoto, cujo efeitos ainda requer estudos e análises mais aprofundadas para avaliar esse recorte temporal. As demais respostas dos docentes se aproximam de um resultado proposto para o período de pandemia perante as dificuldades encontradas. Logo, isso quer dizer que, se houvesse um planejamento, infraestrutura adequada, capacitação, internet de qualidade, entre outros, os resultados poderiam ser outros.

Logicamente a educação em tempos de pandemia foi afetada e trouxe muitas questões que ainda merece ser passível de investigação, porém, não pode desconsiderar que diante todo esse cenário extremamente difícil não houve aprendizado, foram experiências que precisam ser melhores observadas e analisadas. Nesse sentido, os docentes foram indagados sobre como refletem acerca das transformações suscitadas pelo ensino remoto nos cursos de licenciatura.

Tabela 8 – Como refletem as transformações suscitadas pelo ensino remoto nos cursos de licenciatura?

Respostas dos docentes

Creio que são necessárias adaptações para um resultado mais eficaz, diante as mudanças da sociedade contemporânea.

Acredito que fez muitas pessoas que não se importavam com o uso das tecnologias a se atualizarem e aprenderem a sua importância. Não vejo como grandes transformações, porém, aprendizagem de recursos mais contemporâneos, didaticamente falando.

Os currículos precisariam contemplar essa modalidade.

Negativamente. A relação humana presencial guarda características insubstituíveis.

Estamos percebendo nesse momento certa desmotivação com o ensino presencial, dificuldade de lidar com as leituras, com o tempo das aulas, com avaliações, enfim, ainda estamos em processo de avaliar os impactos da pandemia e do ensino remoto, mas já há bastante desistência.

Eu acho que pode ser melhor aproveitado se tivermos infraestrutura e equipamentos adequados a alunos e docentes. Tendo isso, poderíamos discutir técnicas, mas sem o hardware, nem sobra tempo para se discutir a questão didática.

Talvez seja levado pelas instituições como forma de desonerar o Estado da formação de professores presenciais, o que pode levar ao sucateamento do ensino.

Há disciplinas que podem ser dadas de maneira remota com baixo ou nenhum impacto a aprendizagem. Outras não.

Para a formação docente é fundamental a interação. Por exemplo, em uma sala de aula, observando as expressões faciais (e mesmo corporais) dos discentes, é possível perceber quando alguém não está entendendo o que está sendo explicado. Assim, você retoma a explicação de outra maneira. No ensino remoto, isso era impossível, pois não havia efetiva interação. Houve situações desagradáveis: inicialmente, eu esperava que todos os discentes deixassem a sala virtual, no entanto, percebi que alguns simplesmente se conectavam, mas sequer ficavam presentes, durante as aulas - até demorei um pouco para perceber tal prática. Outra questão importante é que tanto professores quanto alunos não tinham experiência na utilização das mídias para o processo ensino/aprendizagem e, dessa maneira, foi pouco produtivo.

Muito preocupante, pois a formação docente exige processo de formação teórica e prática, de forma articulada, que promova o pensamento dos estudantes. Ainda não consigo verificar isso no ensino remoto.

Quais transformações?.

Desafiadora, ainda há muito preconceito e resistência.

O ensino remoto foi exaustivo. O ensino foi superficial. A aprendizagem foi prejudicada a longo prazo.

Uma tragédia! Tomadas de decisões equivocadas que nos levou a ter mais trabalho.

Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023)

Conforme as respostas apresentadas, percebe-se que há certo descontentamento por parte de alguns professores, os quais não visualizam transformações suscitadas pelas aulas ministradas no ensino remoto nos cursos de licenciatura, embora as adaptações tiveram que ocorrer para reorganizar as formas de ensinar e aprender com os usos das mídias digitais na pandemia.

É imprescindível destacar que o ensino remoto emergencial foi introduzido de forma repentina e sem uma discussão mais aprofundada com os envolvidos nesse processo, de modo que os docentes tiveram que utilizar da própria estrutura para conseguir fazer a interação com os estudantes. A intensificação de horas de trabalho alterou significativamente a jornada de trabalho e a rotina dos professores. Conseqüentemente, o trabalho se tornou cansativo e exaustivo, pois muitos professores foram forçados a adaptarem suas residências para realizar as aulas remotas e tiveram que assumir os gastos com internet, energia, entre outros.

Com as modificações na rotina de trabalho houve uma sobrecarga de atividades sobre os professores, prejudicando a saúde mental e o desgaste do professor, a qual se configura, até então, como um processo gradativo de barbarização da educação no Brasil. Rompeu-se com as condições de trabalho e impôs a todos os profissionais da educação a acumular diversas funções.

O momento de crise que vivemos passa a imagem de que nada pode ser feito e, não tendo outra saída, o conjunto de trabalhadores, com vistas a garantir as condições objetivas e subjetivas de suas existências, se submetem a situações cada vez mais precárias, sem condições de trabalho, destituídos de direitos fundamentais e mal remunerados (MENEZES, MARTILIS, MENDES, 2021, p. 57).

Vale destacar que nem todos os professores e estudantes tiveram formação direcionada ao ensino remoto, submetendo-se a situações cada vez mais precárias. Em uma sociedade em constantes mudanças, lidar com as informações e inovações que chegam com o tempo exige tempo e espaços mais amplos do que os restritos. A possibilidade de transpor os limites físicos e temporais das salas de aula e alcançar as pessoas que querem, que têm interesse, e estão conectadas na mesma sintonia, independentemente do tempo e do espaço em que se encontram,

é imprescindível. Assim, é evidente a urgência de mudanças na formação dos docentes, que deverão responder ao grande compromisso de adequar-se e preparar aos novos tempos. Essa nova realidade representa um dos grandes desafios para o ensino superior brasileiro: pensar em novas formas de ensinar e aprender em todas as áreas da sociedade contemporânea.

Desse modo, a falta de estrutura, de capacitação, de objetivos bem definidos, entre outros, foram determinantes para ampliar as fragilidades do processo de ensino/aprendizagem. Conforme apresenta Kenski (1997, p.70),

é preciso que este profissional tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível.

Por outro lado, também há a desigualdade de acesso entre os estudantes que não dispunham de internet e equipamento de qualidade para acompanhar e assistir as aulas remotas, sendo que o Brasil apresenta desigualdades sociais e regionais históricas. Em consequência, os danos estruturais e sociais agravam-se nas escolas públicas, as quais carecem de recursos e investimentos, e impactam o ensino e aprendizagem. Logo, o cenário de pandemia retrata a ausência de políticas públicas no sentido de democratizar os meios tecnológicos para docentes e discentes.

O ensino remoto emergencial foi relevante para observar que passamos por um conjunto de mudanças e as tecnologias digitais fazem parte desse marco temporal. Tivemos com as aulas remotas modificações de ordem técnica e pessoal para os professores e para os alunos e precisamos propor o mais rápido possível estratégias e ações coordenadas em prol do que acontece na atualidade. Assim, não existe mais a possibilidade de esperar que “as velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso que se esteja em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo” (KENSKI, 1997, p. 60).

Deve-se lembrar de que estamos diante uma mudança radical de comportamentos e práticas docentes que não são contempladas apenas com a incorporação das mídias digitais ao ensino, “pelo contrário, há um grande abismo entre o ensino mediado pelas tecnologias digitais praticado em muitas das universidades e faculdades e os processos dinâmicos que as redes podem oferecer nas relações entre professores e alunos online” (KENSKI, 2015, p, 432). Ainda segunda a autora, “se a função do professor universitário é a de formar docentes para esses

novos tempos, eles devem ser os primeiros a adotar novas posturas profissionais mais coerentes com as necessidades educacionais da sociedade atual” (p. 428).

3.3 Algumas considerações sobre educação e mídias digitais

A sociedade atual sofre modificações sem precedentes com o advento das novas tecnologias, de modo a provocar tensões, também, no campo educacional. Com efeito, passa a ser uma incumbência das ciências humanas, ou de qualquer área do conhecimento, abordar e tratar de todas essas questões que ocorrem na educação. Todavia, deve-se atentar para que o estudo da educação e da tecnologia seja visto em termos científicos sociais, isto é, indo além de dar sentido aos aspectos técnicos e também prestando muita atenção na palavra social da educação (SELWYN, 2011).

Embora haja estudos sobre o tema em questão, diferentes pesquisas apontam que este é um campo ainda tímido e em construção em solo brasileiro, seja por receio e/ou distanciamento por parte de outros profissionais. Logo, por oportuno, ressalta-se que seja importante por começar a compreender que “as relações mediadas pela conectividade ganham importância mesmo que não substituam as presenciais” (MISKOLCI, 2016, p.283), desse modo os desafios estão postos para o campo científico não só no passado, como também para essa nova realidade social, a qual segundo Miskolci e Balieiro (2018, p. 140), “na década de 2010, ganha força a percepção de que as relações face a face deixam de ser o centro incontestável da vida contemporânea”.

A pesquisa realizada pela autora Prado (2015) é importante por demonstrar como as mídias digitais têm se tornado um espaço em que as pessoas buscam de forma incessante estabelecer uma relação de apoio emocional, sobretudo, compartilhando sentimentos e emoções. Além disso, o trabalho da autora revela outras particularidades, as quais envolvem discussões sobre gênero, sexualidade e classe, o que de certo modo, demonstra a capacidade e a amplitude do debate sobre as mídias digitais no que tange aos aspectos da vida social.

Com as novas tecnologias reordenando as relações sociais e influenciando no comportamento humano, o ritmo acelerado dessas alterações significativas são sentidas no campo social, político, econômico e cultural, sobretudo, interferindo na forma de ser, pensar e agir.

Conforme Nascimento (2020, p. 13) menciona,

Os diferentes pesquisadores que vêm se debruçando sobre o estudo dos fenômenos digitais se esforçam para adjetivar esta característica que é, ao mesmo tempo, geral (ou seja, ela afeta todos os campos da sociedade) e revolucionária (no sentido de não

conseguirmos evitar os efeitos e nem retornar, mesmo que desejemos, ao estado social anterior ao seu aparecimento).

Nesse novo contexto, ainda que, “pouca atenção foi dada aos novos desafios que emergem junto com essas oportunidades” (FACIOLI, PADILHA, 2019, p.235), parece não restar dúvidas de que as chamadas novas tecnologias da informação e da comunicação criaram novas oportunidades para a pesquisa científica, de modo a estar “mais afeita à investigação das relações sociais mediadas no presente” (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018, p.141). Portanto, são infinitos os desafios e as oportunidades que a vida conectada nos impõem.

Por oportuno, as novas ferramentas que alteram as formas de interação, trocas e acesso a informações diversas (FACIOLI; PADILHA, 2019) requer nossa atenção, para nos preocupar em produzir uma área de análise crítica sobre o uso e disseminação das tecnologias de informação e comunicação (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018), devendo estar atento e “interessado no modo como os indivíduos passam a ser produtores incessantes de dados digitais” (NASCIMENTO, 2016, p. 223).

Para os autores Miskolci e Balieiro (2018, p.150),

o desenvolvimento de tais pesquisas que envolvem o aprofundamento das investigações sobre as relações sociais mediadas digitalmente faz com que emirjam análises mais críticas e realistas sobre as potencialidades das mídias digitais, que levem em consideração, entre outros fatores, seu crescente domínio corporativo, a existência de formas de vigilância estatal, de controle algorítmico da sociabilidade mediada por plataformas e as transformações nas relações sociais advindas de sua mediação “perpétua” em rede e envolvendo maior exposição a conteúdos midiáticos e comerciais.

Para Miskolci e Balieiro, “a Sociologia Digital é uma área de pesquisa em construção e tem articulado um conjunto vasto e diverso da produção sociológica que, há aproximadamente duas décadas, investiga a emergência e a disseminação das tecnologias de comunicação em rede” (2018, p. 1), ou seja, a Sociologia Digital responde aos desafios e oportunidades apresentadas pelas tecnologias de comunicação em rede e como essas pesquisas moldam a compreensão da sociedade contemporânea.

Por digital, entende-se que

[...]não é uma definição técnica e, sim, uma caracterização de nosso mundo como marcado pela conexão por meio de tecnologias co-municacionais contemporâneas que se definem cotidianamente como digitais e atualmente envolvem o suporte material de equipamentos (como notebooks, tablets e smartphones), diferentes tipos de rede de acesso (banda larga fixa ou celular), conteúdos compartilháveis (frequentemente gerados em outras mídias como jornais, revistas e televisão) e, por fim, mas não por menos, plataformas online (como Facebook, Twitter, YouTube) (MISKOLCI, 2016, p. 283).

Conforme a citação, “o digital aponta para um conjunto de transformações sociais que exigem mudanças no modo como entendemos e investigamos a vida em sociedade” (FACIOLI, PADILHA, 2019, p. 235). Com isso, vale reconhecer que o termo digital definitivamente sublinha o mundo em que vivemos, embora o digital não seja propriamente uma definição técnica, mas a reconfiguração das relações sociais mediante as novas tecnologias digitais. Portanto, a sociologia digital estaria para contrapor as deficiências teóricas dos estudos sobre as relações sociais mediadas digitalmente (MISKOLCI, BALIEIRO, 2018), sendo que, cada vez mais, nos relacionamos com os dispositivos digitais.

A esse respeito, a autora Lupton afirma que

A Sociologia Digital é uma leitura essencial não apenas para estudantes e acadêmicos em sociologia, antropologia, mídia e comunicação, culturas digitais, humanidades digitais, estudos de internet, estudos de ciência e tecnologia, geografia cultural e computação social, mas para outros leitores interessados no impacto social das tecnologias digitais (2015, sem p./Tradução nossa).

Em nosso cotidiano passamos boa parte do nosso tempo produzindo significativamente um grande volume de informações que são captadas e convertidas em dados, de modo que a manifestação de nossas ações e atitudes no espaço digital possa ser facilmente coletadas e traduzidas. Assim, a maioria desses dados conseguem não só revelar nossos gostos e preferências, mas são de interesses, principalmente, das grandes empresas e corporações.

Como bem assinalado por Nascimento (2016, p. 233), talvez,

Boa parte dos pesquisadores em sociologia não dão a devida atenção ao grande volume de dados disponibilizados por agências como IBGE, pelos meios de comunicação através de matérias digitais e em relação aos dados que começam a ser produzidos pelos portais da transparência com informações sobre os governos federal, estadual e municipal.

A explicação supracitada deve ser compreendida dentro do que fala-se de uma ciência capaz de compreender a sociedade que está digitalmente posta, pois, há uma enorme produção de dados e o campo científico deve olhar com um foco maior sobre todos esses conteúdos ricos em informações, pois, “em sua forma atual, a internet converteu o compartilhamento de mensagens e informações em um poderoso modelo de negócios que figura entre os ramos mais promissores da economia contemporânea.” (FACIOLI, PADILHA, 2019, p. 235).

Com as mudanças, as quais ocorrem devido à presença significativa das novas tecnologias altera-se, até então, “o modo como fazemos ciência, reverberando, também, na disciplina da sociologia” (NASCIMENTO, 2016, p.238). Eis que, daí, surge como proposta um campo de pesquisa que consiga “[...] estabelecer padrões de análise e oferecer debate sobre

estas questões traçando os contornos do novo panorama” (NASCIMENTO, 2016, p.238), com um olhar mais atento para perceber as transformações que afetam as relações do cotidiano (PADILHA; FACIOLI, 2018), ou melhor, que moldam as relações sociais.

Com os novos tempos, a educação está imersa em grandes desafios ao pensar que cada vez mais passa-se a depender em algum momento dessa nova arquitetura tecnológica, estando “em xeque a estrutura, o currículo, os espaços, os tempos e os modelos de ensino e de aprendizagem utilizados até então, bem como os papéis desempenhados por docentes e estudantes na relação com o conhecimento socialmente válido” (KENSKI, MEDEIROS, ÓRDEAS, 2019, p. 145).

Há um crescimento desordenado de plataformas em torno da educação e as plataformas educacionais on-line têm sido tão explosivas quanto o crescimento das plataformas no campo da saúde e fitness (DJICK, 2018, TRADUÇÃO NOSSA). Estas plataformas educacionais setoriais criam um universo desconhecido e se desenvolvem como parte da infraestrutura conectiva maior e, para a autora, estamos diante uma relação entre plataformas online e estruturas societais.

Nesse sentido, é importante também pensar o espaço educacional num contexto maior, o qual transpõe desafios como na própria ideia de educação como bem comum (DJICK, POELL, WAAL, 2018), já que há uma aproximação das corporações e dos modelos de negócios, os quais passaram a investir pesadamente no setor de educação no sentido de capilarizar e se apropriar de informações cujos resultados ainda são totalmente desconhecidos. Sabe-se que “a maioria dessas plataformas educacionais é de propriedade corporativa e impulsionada por arquiteturas algorítmicas e modelos de negócios” (DJICK, POELL, WAAL, 2018/TRADUÇÃO NOSSA) e como o próprio autor Nascimento (2016, p. 224) destaca “levanta grandes preocupações do ponto de vista da privacidade e da segurança das pessoas”.

É de conhecimento que “os dados educacionais, juntamente com os dados de saúde e os dados financeiros, estão entre as moedas mais valiosas do ecossistema, portanto, salvaguardar esses valores é extremamente importante” (DJICK, POELL, WAAL, 2018/TRADUÇÃO), até porque, como dizem os autores, “o modelo de negócios mais lucrativo para conteúdo educacional on-line é coletar e negociar dados do usuário”.

Ademais, a ideia da plataformização é trazida pela autora Djick como uma marca ideológica da arquitetura do ecossistema em que “os processos de aprendizagem são traduzidos em processos de dados e transformados em sistemas de rastreamento que relacionam continuamente o progresso individual ao desempenho padronizado” (2018, p. 118/Tradução nossa), sendo que não se tem o conhecimento exato da dimensão sobre o que produzimos.

Segundo a autora, isso se dá “sem o conhecimento dos usuários de tecnologias digital, os algoritmos os medem e os classificam, decidido quais escolhas eles podem ser oferecidos” (LUPTON, 2018, p. 26/TRADUÇÃO NOSSA).

Com essa aproximação e a presença das plataformas no setor educacional tem-se criado um vasto conjunto de informações educacionais desconhecidas e muito provavelmente pode-se sofrer uma redefinição do que tem de educação como bem público (DJICK, 2018, TRADUÇÃO NOSSA), uma vez que se cria um universo de dados sobre estudantes que poderão serem utilizados para outros fins que não seja em prol do bem público, pois “o mundo após a revolução da informática criou novas ferramentas analíticas para garimpar, extrair e codificar estes dados” (MISKOLCI, BALIEIRO, 2018, p. 146).

Como bem observa, para a autora Djick há um movimento mercadológico que controla “o ecossistema não apenas por meio de seus serviços de infraestrutura (navegadores, serviços em nuvem, mecanismos de pesquisa, etc.) (2018, p. 120/Tradução nossa)”, mas que começa a se estender em contextos educacionais por meio de suas parcerias ou aquisições de startups promissoras de ed-tech.

Para a autora, essa capilarização de informações se dá por meio do tripé: **dataficação, seleção e mercantilização**, os quais impulsionam a reorganização dos setores sociais (DJICK, 2018). Nesse viés, discute-se sobre “instrumentos emergentes de política digital que tudo indica se apropria de dados que tornam os fluxos de big data monetizáveis e potencialmente lucrativos” (DJICK, 2018, p. 121/TRADUÇÃO NOSSA), assim afetam a aprendizagem dos estudantes.

Nesse sentido, vive-se em “um novo tempo de inúmeras possibilidades de aprender, onde o espaço físico da escola, tão protuberante em outros tempos, deixa de ser o local exclusivo para a construção do conhecimento – há outros espaços pertinentes para tal prática humana, inclusive os virtuais” (PEIXOTO, OLIVEIRA, 2021, p. 86). Sendo assim, o uso generalizado das tecnologias no dia a dia também impacta e desafia, inclusive, o campo científico no modo de “fazer ciência” já que se utilizam o espaço digital de forma ampla e diversificada, como também passam-se a produzir uma infinidade de dados (NASCIMENTO, 2016) que, embora haja pesquisas iniciais, ainda são pouco explorados.

Assimilar todas essas transformações e desafios que estão em curso são relevantes, tendo em vista que essa é uma inquietação da contemporaneidade, visto que, a ideia aqui se dá no sentido de buscar compreender essa nova sociabilidade mediante as mídias digitais. Nos dias atuais “os indivíduos passam a ser produtores incessantes de dados digitais” (NASCIMENTO, 2016, p.223) e a vida conectada reuni uma infinidade de informações que são captadas e

transformadas em dados, pouco explorados pelo campo científico, e isso impõe o desafio de pensar em conjunto com a sociologia os diversos aspectos dessa arquitetura algorítmica, sabendo-se que “exercem efeitos concretos sobre a vida das pessoas” (NASCIMENTO, 2016, p. 225).

Todas essas questões chama a atenção não só em razão de estar diante uma nova realidade permeada pelas novas tecnologias que rompe e altera praticamente com as formas tradicionais de como se procede a vida cotidiana, mas, sobretudo, em função das relações sociais mediadas digitalmente, entre outros fatores, a preocupação do domínio corporativo (MISKOLCI, BALIEIRO, 2018).

Com essa nova realidade de plenas mudanças evidencia-se uma nova era, novas formas de organização e comunicação, com grande impacto na maneira de agir e pensar, demonstrando ser esse um cenário complexo e que apresenta diversas implicações. Dentre tais questões, destaca-se as mudanças e os desafios no campo da educação, em particular para a atuação do professor.

Além disso, o ritmo acelerado das tecnologias tem provocado alterações significativas por toda parte e todas essas mudanças são impulsionadas pela ampliação do acesso às tecnologias digitais. Embora seja uma característica da atual sociedade, ainda há espaços que não conseguem acompanhar todo esse processo, de modo que, em alguns casos, há uma morosidade das instituições de ensino em aproximar essa realidade social para dentro do espaço escolar. Segundo a autora Kenski, “as mudanças incorporadas à sociedade pelas tecnologias digitais chegam muito lentamente à educação” (2016, p.225). Isto é, a escola é um espaço que encontra dificuldades em acompanhar e utilizar as tecnologias digitais em favor do conhecimento, sendo que “o avanço tecnológico, no entanto, não foi articulado com mudanças estruturais no processo de ensino, com propostas curriculares e com a formação dos professores universitários para a nova realidade educacional” (KENSKI, 2015, p, 433).

Para Peixoto e Oliveira (2021, p. 87) é preciso reconhecer que, “em um mundo mediado pelas mídias digitais, as relações entre professor e estudante passaram por intensas mudanças, obrigando os educadores a repensarem seus conceitos frente ao fato de não serem mais a única fonte do conhecimento no espaço escolar”. Como preleciona os autores, “as mídias digitais influenciam a educação no sentido de que elas fazem parte da vivência do estudante e de grande parte da sociedade” (2021, p.87). Portanto, precisa-se reconhecer que vivemos em uma sociedade onde a tecnologia está sempre avançando e é preciso pensar nos diversos aspectos e dimensões que envolve a relação entre mídias digitais e educação, sem que isso signifique

apenas pensar em objetos tecnológicos utilizados na escola como ferramentas materiais (Oliveira, 2022).

Com a disseminação das tecnologias digitais passamos a estar em constantes mudanças que impactam diretamente no ordenamento social, cultural, econômico e políticos da sociedade. Com isso, é importante frisar que

o uso contemporâneo do termo “tecnologia” refere-se a muito mais do que apenas máquinas e artefatos (ou seja, os aspectos materiais ‘não humanos’ de tecnologia). Em vez disso, também se refere aos contextos sociais e circunstâncias sociais do uso dessas máquinas e artefatos (ou seja, o que pode ser chamado de aspectos “humanos” da tecnologia (SELWYN, 2011, p. 8 - TRADUÇÃO NOSSA).

Para os autores Padilha e Facioli, (2018, p.314), “falar em tecnologias, não nos referimos exclusivamente às mídias digitais com acesso à internet, mas em um conjunto de técnicas capazes de promover uma transformação ou inovação”. É essa transformação ou inovação que desafia a atual sociedade a pensar nessa relação entre mídias digitais e educação, em conseguir articular e construir um espaço que seja condizente com a realidade vivida pelos indivíduos na contemporaneidade, embora não pode desconsiderar que o conhecimento na atualidade transcende as fronteiras da escola.

Em escala mundial as tecnologias digitais demonstram ser um processo de rupturas e mudanças nas formas de relacionar, de comunicar e de adquirir conhecimento. Assim, as mudanças também recaem nas instituições de ensino, onde deve-se pensar a educação frente a essa nova ordem social, principalmente nos diversos aspectos que permeiam o processo de ensino e aprendizagem.

Diante esse novo cenário mediado pelas tecnologias digitais a atenção deve estar direcionada para os estudos com o “interesse às relações sociais, o que nos leva a não estudar computadores, softwares ou plataformas eletrônicas de comunicação, antes a pesquisar como os sujeitos usam a tecnologia em sua vida cotidiana” (NASCIMENTO, 2016, p. 290) e “as relações sociais que elas permitem, moldam ou negociam” (MISKOLCI, 2016, p.286). De acordo com Facioli e Padilha “[...] a mediação da tecnologia tem, cada vez mais, renovado as ferramentas e os desenhos das pesquisas nas áreas das Humanidades, bem como considerando que o espaço em rede rearranja as dimensões entre público e privado” (2019, p. 229). Logo, observa-se que as mídias sociais e outras plataformas online proporcionam novas formas de interação e compartilhamento de informações, conseqüentemente desafiam conceitos prévios de privacidade e individualidade, consoante Facioli e Padilha (2019).

Ademais, como os próprios autores Peixoto e Oliveira (2021, p. 86) destacam, “a proposição de um trabalho com mídias digitais na escola acontecerá a partir do momento que as políticas públicas de educação possibilitar recursos para aquisição aparelhos tecnológicos e conhecimentos – formação continuada [...]”, e como o desenvolvimento de jovens pesquisadores com o conhecimento para analisar os diversos aspectos dessa sociedade digital.

Assim, se os pressupostos que as mudanças tecnológicas geraram na sociedade interferem na educação, o papel do professor e sua atuação também devem se alterar, de modo a habilitá-lo para desenvolver alternativas metodológicas que possibilitem a construção do conhecimento e o desenvolvimento de autonomia do aprendiz, porém, caso isso não ocorra de modo consciente, o docente também mais um instrumento modelável por aqueles que planejam as políticas educacionais (Santos, 2022, p. 6).

No futuro, a formação de professores deverá estabelecer uma conexão entre teoria e prática, mas também propiciar o domínio da criticidade. “O movimento acelerado, o sentido de mudança permanente, característicos desse nosso momento social nos encaminha para a reflexão sobre o atual estágio do profissional estável no nosso caso, o professor e os desafios que envolvem a sua formação” (KENSKI, 2004, p.103), ao contrário, estará em submissão da precariedade profissional evidenciado na pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias de mídia contemporâneas podem reorganizar corpos, tempos e espaços, aparentemente à vontade, devendo aceitar que a mídia não pode mais ser separada do social, nem, portanto, do político, econômico e cultural. Estamos diante um amplo conjunto de novas tecnologias que redefinem a vida social, inseridos diretamente no coração do espaço doméstico e que perfuram os limites físicos da residência privada (MCQUIRE, 2011). Para o autor, “o espaço público também sofre profundas mudanças, à medida que o imediatismo de variadas formas de ação à distância desloca a primazia social da presença corporificada” (p. 209).

Neste novo contexto, experienciam-se um nexos entre tecnologia, produção econômica e relações sociais que se interpenetram e modelam o contexto da vida pessoal. Conceitos como distância, proximidade e localidade, assim como interioridade e exterioridade, adquirem uma gama de novos sentidos (MCQUIRE, 2011). Ainda segundo o autor, o espaço relacional é o espaço social criado pelo imperativo contemporâneo de estabelecer 'ativamente' relações sociais de acordo com a sua demanda, através de dimensões heterogêneas, nas quais o global é inextricavelmente imbricado com o estar face-a-face.

Com essa nova conjuntura de mudanças provenientes desse fenômeno – tecnologias digitais indicam espaços que poderão ser preenchidos por investigações futuras e mais consistentes, as quais possibilitarão novas articulações com o vivido, com o empírico.

Nesse sentido, o ensino ministrado na pandemia foi utilizado como recorte temporal como espaço de análise para que fosse possível levantar e fazer alguns apontamentos sobre a vivência dos docentes a partir do ensino remoto emergencial, de modo que, o período pandêmico impôs à educação a exigência de dar continuidade nas atividades de ensino-aprendizagem com os usos das mídias digitais. Este estudo deve ser interpretado como parte de um universo constitutivo de pesquisas que se propôs a dialogar em conjunto, a fim de analisar as implicações das tecnologias digitais para a educação.

Vale salientar que para o desenvolvimento de todo esse trabalho de pesquisa, o nosso primeiro encontro recaiu sobre a necessidade de fazer uma leitura mais aprofundada sobre o que tem sido produzido por diversos autores a respeito de “Educação e Mídias digitais”, sobretudo, de ler artigos, textos completos, resumos expandidos, entre outros, sobre o tema, com ênfase para os usos das mídias digitais na educação, referindo-se as provocações e mudanças que ocorrem na educação brasileira.

É de conhecimento que as mídias digitais passam a tomar conta e predomina cada vez mais o universo de interação das pessoas. Assim, passa-se a utilizar deste espaço para buscar e

compartilhar de forma constante informações, seja em caráter pessoal ou profissional, fazer pesquisa, entre outros. As mudanças que ocorrem com o advento tecnológico apresentam implicações para a educação, visto que, a sala de aula deixa de ser o único canal de transmissão e construção de conhecimento. É importante compreender que com a presença das mídias digitais outras formas de adquirir conhecimento são postas e, certamente, isso exerce efeitos concretos sobre formato educacional, inclusive, até na forma de fazer pesquisa. Nesse sentido, o conhecimento hoje adquirido transcende os muros da escola e o que podemos preocupar e questionar é que tipo de conhecimento temos adquirido diante todo esse universo informacional? A universidade está preparada para lidar com tudo isso?

É importante ressaltar que o fenômeno das mídias digitais tem interferido diretamente e provocado alterações em toda a sociedade, em especial no campo da educação. Com isso, as diversas formas de se relacionar foram amplamente impactadas pela disseminação das tecnologias, as quais mostram ser este um mundo sem limites de tempo e espaço, pois, a escola nos dias atuais pode ser acessada distante no tempo e espaço, diferentemente do que era tradicionalmente, a aprendizagem de informações e conceitos era tarefa exclusiva da escola, de “ir à escola” (KENSKI, 1998).

Dessa forma, passamos por uma nova realidade e vivenciamos momentos de rompimentos e mudanças em praticamente todos os setores da sociedade, uma vez que a educação em geral passa por essas mudanças, mesmo que forma lenta (KENSKI,) e o que precisamos compreender vão muito além do que propriamente olhar os aparatos técnicos das tecnologias. Com as mudanças incorporadas, a sociedade tem-se deparado com novas formas de interagir e comunicar, de modo a respingar também na educação.

Com efeito, compreender os diversos aspectos da contemporaneidade e suas relações com as tecnologias digitais é um trabalho que desafia o próprio modo como fazemos ciência, que nas ciências sociais passou a designar-se de “sociologia digital” (NASCIMENTO, 2016). A evolução do campo da sociologia digital, ou qualquer outra área do conhecimento que disponha a abordar essas questões, deve ser visto em termos científicos sociais, isto é, indo além de dar sentido aos aspectos técnicos da aprendizagem, de estudar e perceber como as tecnologias digitais impactam a vida em sociedade, como também compreender as implicações e os desafios para a educação.

Com as transformações que vivemos e enfrentamos, inicia-se a produção uma produção massiva de dados e, como diz Nascimento (2016), a sociologia digital deve se preocupar com esse horizonte atual e construir instrumentos teóricos-metodológicos para a produção de inteligibilidade sociológica desses dados. É preciso avaliar o impacto e os desafios destas

transformações na sociedade, pois essas mudanças afetam radicalmente as relações cotidianas, o modo como pensamos e organizamos o mundo, como refletimos sobre questões econômicas e políticas e como elaboramos nosso modo de ser e de nos expor (PADILHA, FACIOLI, 2018).

Com urgência, deve-se ter um olhar da sociologia digital em direção à apropriação dos dados da educação brasileira que ainda não se sabe ao certo quais serão os resultados e os impactos de todo esse movimento de apropriação – dados e informações, para o rumo da educação. Com as plataformas digitais tem-se produzido e ampliado o universo de informações educacionais que muito provavelmente podemos sofrer uma redefinição do que temos de educação como bem público (DJICK, 2018).

Consoante a isso, é possível observar que, nos últimos anos, vivenciamos um processo intenso de mudanças na educação superior aqui no Brasil, sendo que as instituições privadas têm investido pesadamente no setor educacional, enquanto que as instituições de ensino público parece não reunir condições para fazer frente a essa demanda. A educação a distância demonstra perfeitamente esse movimento de expansão do setor privado, em que as grandes corporações oferecem um portfólio de cursos e cada vez mais se percebe uma crescente dessas organizações dominando esses serviços. O crescimento desordenado do setor privado poderá significar prejuízos ao sistema educacional brasileiro, se não olharmos de forma crítica para todo esse universo em movimento.

É evidente que o avanço tecnológico acontece de forma acelerada e nem todos da sociedade conseguem acompanhar, “estamos vivenciando uma nova realidade, a era da informação e da tecnologia, a qual os alunos, professores e a sociedade geral, precisam mudaram seus pensamentos e a sua forma de agir” (BITTENCOURT, ALBINO, 2017, p. 208). As experiências vividas no ensino remoto emergencial em tempos de pandemia revelam que ainda há muito para conhecer, aprender e avaliar, já que muitos profissionais tiveram dificuldades em lidar com as aulas online na pandemia e as razões de tudo foram/são apresentados no decorrer da pesquisa.

O ensino remoto emergencial, na constatação dos entrevistados, aumentou e dificultou o trabalho docente. Não houve um tempo hábil para a preparação e capacitação, menos ainda, foram as condições de infraestrutura para a transmissão e o acesso às aulas e aos conteúdos. O ensino por meio do uso das tecnologias digitais foi posto como alternativa para dar continuidade ao calendário acadêmico, porém parece não ter havido uma preocupação maior com as condições de professores e alunos. Simplesmente o cansaço tomou conta de todos os envolvidos na educação a partir do ensino remoto emergencial.

As adaptações e reformulações foram necessários para tentar se adequar a realidade imposta pela covid-19, a falta de apoio e infraestrutura colocou em cena professores em dificuldade para readequar e cumprir seus planos de ensino, construídos com base em ementas e matrizes curriculares fortemente alicerçadas nas materialidades do ensino presencial. O excesso de trabalho, a adequação sistêmica no contexto educacional, demonstra perfeitamente que há a necessidade de constante atualização de capacitação dos professores e maior inserção na infraestrutura tecnológica da escola.

No que tange aos desafios para a educação, deve-se olhar e analisar criticamente as experiências vividas pelos profissionais da educação no cenário de pandemia, a fim de pensar em estratégias e ações para o futuro. Assim, corrobora-se que o ensino remoto simplesmente demonstrou a falta de um projeto de educação para os novos tempos, por isso passa-se a conviver com as mais profundas crises nos últimos, os reflexos sobre os efeitos da pandemia ainda permanecem em análises, embora haja apontamentos iniciais sobre os problemas advindos desse período.

As tecnologias digitais têm muito a oferecer para a educação superior, porém não se deve desconsiderar a relevância da socialização entre os alunos, de uma melhor estrutura das instituições de ensino, dos professores e da qualidade do ensino, entre tantas outras questões que podem ser colocadas. É certo que as mídias digitais mediam as relações sociais e estão inseridas na educação, compreendida como relação social. Mas, isso não significa que deva se fazer uma defesa em prol de seus usos como ferramenta didática sem uma reflexão sociológica, a qual atente para os aspectos dos usos e acesso tanto por professores quanto por alunos. Nesse viés, ainda há muitas questões passíveis de serem estudadas e analisadas, não só em relação à educação superior, mas, com certeza, que permeia toda a educação, mediante essa nova arquitetura tecnológica.

Impende, portanto, que os achados da presente pesquisa nos levaram a pensar e refletir sobre os usos das mídias digitais pelos professores dos cursos de licenciatura da UEMS de Paranaíba, de modo a considerar que as esferas do online e off-line se relacionam e, logo, não é possível desconsiderar as condições sociais, históricas e, sobretudo, do momento que caracterizou o ensino remoto emergencial. Desse modo, foi possível observar como as implicações do off-line, que incluem desde organização do trabalho e conciliação com outras demandas familiares da vida dos sujeitos, demonstradas no campo de pesquisa relatado, implicam no trabalho educacional online, no período estudado.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Clotilde Pires; FERREIRA, Daniela Vitor. **Metodologia científica**. Editora e distribuidora educacional S.A. Londrina-PR, 2016.

BORSSOI, Berenice Lurdes. Vida humana, trabalho e educação em tempos de pandemia. In: MORAES, Denise Rosana da Silva; SUZUKI, Júlio Cesar; BORGES, Valterlei. **Análise de uma pandemia: diálogos políticos e pedagógicos**. São Paulo, FFLCH/USP, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1989. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 05 de jun. 2022.

BRASIL. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 05 set. 2022.

BRASIL. **Portaria Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.

BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº5/2020**. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia covid-19. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-ppc005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. **Parecer CNE Nº15/2020**. Diretrizes nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei n.14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecida pelo Decreto Legislativo nº6, de 20 de março de 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=160391-ppc015-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 de set. 2022.

BRASIL. **Portaria Nº 870, DE 7 de abril DE 2020**. Reconhece o Estado de Calamidade Pública no Estado de Mato Grosso do Sul/MS. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-870-de-7-de-abril-de-2020-251701758>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2023.

CASTRO, Eder Alonso; QUEIROZ, Eliziane Rodrigues de. Educação à distância e ensino remoto: distinções necessárias. **Rev. Nova Paideia, Revista Interdisciplinar em educação e pesquisa**. Brasília/DF, v.2, n.3, p.3-7, 2020.

CAVALCANTI, Lourdes M. R; GUERRA, Maria das Graças G. V. **Os desafios da universidade pública pós-pandemia da Covid-19: o caso brasileiro**. Ensaio: aval. Pol. Educ. Rio de Janeiro, v.30, n.114, p.73-93, 2022.

DJICK, Jose Van. La producción de la socialidad en el marco de una cultura de la conectividad. In: **La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales**. Siglo Veintiuno. 2016, pp.1-29.

PRIMO, Renan. Quais os limites para o ensino à distância? In: MORAES, Denise Rosana da Silva; SUZUKI, Júlio Cesar; BORGES, Valterlei. **Análise de uma pandemia: diálogos políticos e pedagógicos**. São Paulo, FFLCH/USP, 2020.

FACIOLI, Lara; PADILHA, Felipe. Ética e pesquisa em Ciências Sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações**, Londrina, v. 24, n.1, p. 228-258, jan./abr. 2019. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Etica_e_pesquisa_em_ciencias_sociais_reflexoes_sob%20(1).pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

FARIA, Sidinea Cândida. **Processo de expansão e de interiorização da universidade estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a democratização da educação superior (1993 - 2010)**. Tese (Doutorado em educação). Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2013.

FARIA, Sidinea Cândida. Pesquisa, produção e conhecimento e extensão para a formação da cidadania. In: ÁRAUJO, Doracina Aparecida de Castro. **Pesquisa em educação: política, sociedade e tecnologia**. Campo Grande-MS, Ed. UNIDERP, 2007.

FURTADO, Geciel Ranieri; BELÉM, Breno de Campos. A pandemia de covid-19 e o ensino remoto no ensino superior. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. 2020. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17631/1125613605>>. Acesso em: 08 mai. 2022.

GUSSO, H. L. et al. Ensino Superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Debates & Polêmicas**, Educ. Soc., Campinas, v. 41, e238957, p.1-27, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.238957>. Acesso em: 08 mai. 2022.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Rev. Bras. Educ. [online]**, 1998, n.08, p.58-71. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781998000200006&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1413-2478. Acesso em: 08 mai. 2022.

KENSKI, Vani Moreira. Reflexões e indagações sobre a sociedade digital e a formação de um novo profissional/professor. **Revista Latino Americana De Tecnologia Educativa - RELATEC**, 3(2), 99-107. 2004.

KENSKI, Vani Moreira. A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores para todos os níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 45, pág. 423-441, maio de 2015. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2015000200423&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 jan. 2024. <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.15.045.DS03> .

KENSKI, Vani Moreira; MEDEIROS, Rosangela Araújo; ÓRDEAS, Jean. Ensino superior em tempos mediados pelas tecnologias digitais. **Trabalho & Educação**, v.28, n.1, p.141-

152, jan/abr. 2019. Disponível em:

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9872/9932>>. Acesso em: 21 de jul. 2022.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.29, n.104 – especial, p.647-665, out. 2008. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/es/a/nxvgnTWLXhgNjZrydx7sHK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso

em: 08 de mai. 2022.

MATO GROSSO DO SUL. **Constituição do Estado de Mato Grosso do Sul**. Campo

Grande: Tribunal de Justiça, atualizada em até 9 de novembro de 2011. Disponível

em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70445>>. Acesso em: 21 de janeiro. 2023.

MATO GROSSO DO SUL. Parecer CP/CEE/n.17/2020. Parecer orientativo para o Sistema de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul, relativo ao período de distanciamento social, necessário para mitigação do contágio pelo vírus SARS-CoV-2, causado pelo covid-19.

Disponível em: <<http://www.cee.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Par-CP-017-2020-Parecer-Orientativo.pdf>>. Acesso em: 07 de jan. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Redes sociais. In: Martino, Luís Mauro Sá. Teoria das mídias digitais. **Petrópolis, Vozes**, 2015, pp. 55-82.

MCQUIRE, S. A casa estranhada. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2011. DOI:

10.29146/eco-pos.v14i1.919. Disponível em:

https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/919. Acesso em: 30 jan. 2024.

MENEZES, Kelly Maria Gomes Menezes; MARTILIS, Luiz Fernando de Sousa; MENDES, Virzangela Paula Sandy. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. In: Pandemia da covid-10: trabalho e saúde docente. **Universidade e sociedade**, nº 67, janeiro de 2021. Brasília. Disponível em:

<https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

MILITÃO, Andréia Nunes. UEMS. **Projeto Mídia Ciência de Jornalismo Científico – Quando a ciência fala, a gente escuta!**. Disponível em:

<https://portal.uems.br/noticias/detalhes/pesquisadora-da-uems-cita-desafios-para-a-educacao-pos-pandemia-115054>. Acesso em: 14 de janeiro de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise quantitativa: teoria, passos, e fidedignidade.

Ciência & saúde coletiva, 2012, v.17, n.3, p. 621 – 626, ISSN 1413-8123. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 08 de jun. 2022.

MISKOLCI, Richard. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade.

Contemporânea: **Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297, 2016.

Disponível em:

<<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525/211>>.

Acesso em: 10 de jun. 2022.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 06, nº12, jan/abr, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5957/595765252008/html/>>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

MORAES, Caroline Ponce de; PERES, Rodrigo Tosta; & PEDREIRA, Carlos Eduardo. Eficácia escolar e variáveis familiares em tempos de pandemia: um estudo a partir de dados do ENEM. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.12, n.35, p. 635-658. 2021.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. **Revista UFG**, 2020, v.20, 63439.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, nº41, jan/abr 2016, p. 216 – 241. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/y9gtcQSrjXVyRfryrKpXBk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 de jul. 2022.

NASCIMENTO, Leonardo F. **Sociologia digital: uma breve introdução**. - Salvador: EDUFBA, 54 p.: il. color. ; pdf. (Coleção Cibercultura), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32746>. Acesso em: 15 de jul. 2022.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.

OLIVEIRA, Mauro Antonio; OLIVEIRA, Jailma, Nunes Viana de. Mídia e educação no universo escolar: discutindo o uso do computador na prática pedagógica. **Revista Ensino Interdisciplinar**, v.3, n.07, UERN, Mossoró, RN, Janeiro/2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21920/recei7201737103113>>. Acesso em: 08 de jun. 2022.

PADILHA, Felipe; LARA, Facioli. Sociologia digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma análise das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v.54, n.3, p. 305-316, set/dez., 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2018.54.3.03/60746746>. Acesso em: 19 de jul. 2022.

PEIXOTO, Reginaldo; OLIVEIRA, Eloisa Elena de Moura Santos. As mídias digitais no contexto da sociedade contemporânea: Influências na educação escolar. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.80-96, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53905/36768>>. Acesso em: 02 de ago. 2022.

PRADO, Juliana do. **Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais**. Tese de Doutorado, USFCAR, 2015. São Carlos.

RODRIGUES, Francisco S.; SEGUNDO, Geny Lucia s.; RIBEIRO, Lissiane Maria da S. **O uso do celular na sala de aula e a legislação vigente no Brasil**. In: III congresso sobre tecnologias na educação. (CTRL+E), Cultura Maker na escola Fortaleza, Ceará. 2018. Disponível em: <http://ceur-ws.org/Vol-2185/CtrlE_2018_paper_32.pdf>. Acesso em: 07 de mai. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra, Almedina: 2020. Ebook.

SAVIANI, Dermeval. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. In: Pandemia da covid-10: trabalho e saúde docente. **Universidade e sociedade**, nº 67, janeiro de 2021. Brasília. Disponível em: <https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

SELWYN, Neil. **Education and technology: Key issues and debates**. Continuum International Publishing Group. Now York, 2011.

SILVA, Joselma; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; CABRAL, Giovanna Rodrigues. Ensino remoto na educação superior: impactos na formação inicial docente. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n.2, p.407-423, abr/jun. 2021.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p15-38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38190>. Acesso em: 19 jul. 2022.

UEMS. **Estatuto da Fundação Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso do Sul**. Decreto nº 9.337, de 14 de janeiro de 1999 e alterado pela Resolução COUNI-UEMS n 123, de 27 de setembro de 1999. Disponível em:

UEMS. Conselho Universitário da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Resolução CEPE-UEMS Nº 2.153, de 19 de maio de 2020**. Regulamenta a reorganização das atividades acadêmicas, administrativas e eventos no âmbito da UEMS como medida de prevenção à covid-19. Disponível em: <http://www.uems.br/assets/uploads/ailen/arquivos/2020-06-02_12-02-36.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2022.

UEMS. **UEMS no enfrentamento da covid 19**. Disponível em: <<http://portal.uems.br/covid19>>. Acesso em: 14 jan. 2023.

VELOSO, Braian; MILL, Daniel. **Educação a distância e ensino remoto: oposição pelo vértice**. SciELOPreprints. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3506>. Acesso em: 20 out. 2022.

VIEIRA, Marcos Antonio; DEFFACCI, Fabrício Antonio. Autonomia universitária financeira: a atual realidade da universidade estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 8, n.22, p.222-245, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Confiabilidade e Sigilo

Eu, Everton Rodrigues Martins, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado “o uso das mídias digitais na educação superior em tempos de pandemia: um estudo sobre o trabalho docente no ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba - UEMS”, declaro cumprir com todas as implicações abaixo:

Declaro:

- a) Que o acesso aos dados registrados em bases de dados para fins da pesquisa científica será feito somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética com Seres Humanos;
- b) Que o acesso aos dados será supervisionado por uma pessoa que esteja plenamente informada sobre as exigências de confiabilidade;
- c) Meu compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;
- d) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- e) Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidades dos dados de pesquisa;
- f) Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;
- g) Que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado, os quais serão mantidos em sigilo, em conformidade com o que prevê os termos da resolução CNS 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, assino este termo para salvaguardar seus direitos.

Everton Rodrigues Martins

Av. Ver. João Rodrigues de Melo s/n - Jardim Santa Mônica - Bloco 3 Paranaíba/MS 79.500-000

e-mail: pgedu.mestradopba@gmail.com

Tel. (67) 3503-1006

Paranaíba/MS 14 de agosto de 2023.

Everton Rodrigues Martins

APÊNDICE B - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RCLE

Convidamos o (a) Senhor (a) para participar da Pesquisa **O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente no ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS**, voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Everton Rodrigues Martins e supervisionado pela Profa. Dra. Juliana do Prado. A presente pesquisa pretende abordar o uso das mídias digitais pelos docentes na educação superior, em tempos de pandemia, e explora a questão a partir da Universidade Estadual do estado de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, tendo em vista que insurge muitas complexidades ao entorno de “Educação e mídias digitais”, principalmente no momento em que o ensino foi ministrado de forma remota. Este estudo se dá em nível de mestrado, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação.

Adianto que sua participação é voluntária e as respostas se dará por meio de questionário semiestruturado o qual será disponibilizado via e-mail. Se o (a) Sr (a) aceitar participar, contribuirá significativamente para o avanço dos estudos envolvendo “Educação e mídias digitais”, levando em consideração que esta é uma área em formação no cenário brasileiro.

Para participar da pesquisa, o (a) senhor (a) deverá ser professor (a) efetivo do curso de licenciatura, ler com atenção esse Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) e assiná-lo, caso expresse o desejo em participar. Vale destacar que fica a critério do entrevistado responder o questionário e, caso se sinta desconfortável com alguma questão, tem a liberdade de ignorá-la a qualquer tempo.

Informo ainda que os riscos desta pesquisa são mínimos, considerando a possibilidade de haver cansaço ao responder o questionário, embora será respeitado o ritmo da participação de cada sujeito da pesquisa. Ao mesmo tempo, poderá haver desconforto ao responder alguma questão, por isso será reservado ao participante não responder e serão respeitadas as suas opiniões e particularidades no que tange ao processo cultural, político, social e religioso.

Em relação aos benefícios, o participante da pesquisa poderá refletir sobre os novos paradigmas de sociedade trazidos pelas mídias digitais e a possibilidade de novos saberes e da ampliação do seu conhecimento, o que refletirá na sua prática docente enquanto professor da Educação Superior.

Se depois de consentir sua participação na pesquisa o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo sem prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será mantida em sigilo. Todos os dados obtidos serão usados especificamente para esta pesquisa e os mesmos são de caráter confidencial. O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Após ler com atenção este documento e ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine em todas as folhas e ao final deste documento, que está em duas vias e também será assinado por mim, pesquisador, em todas as folhas. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Everton Rodrigues Martins pelo telefone (67) 9 8115-1906, ou via E-mail: evertonrm17@gmail.com, ao mesmo tempo, com a Profa. Dra. Juliana do Prado (orientadora), que poderá ser encontrada no endereço: Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS, situada a avenida Vereador João Rodrigues de Mello s/n, Jardim Santa Mônica, Bloco 3, Paranaíba/MS, CEP 79.500-000, nos telefones: (67) 3503 - 1006. Em caso de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética Com Seres Humanos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul CESH/UEMS pelo Fone: (67) 3902-2699 ou no endereço: Cidade Universitária de Dourados, Rodovia Itahum, km 12, em Dourados – MS, Bloco B, 1º piso - Horário de atendimento: 8:00 às 14:00 horas, de segunda a sexta.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____
 _____, portador (a) do RG _____, fui informado e aceito participar da pesquisa **O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: um estudo sobre o trabalho docente no ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS**, onde o pesquisador Everton Rodrigues Martins me explicou como será toda a pesquisa de forma clara e objetiva.

O Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, é um órgão colegiado que busca defender os direitos e o bem-estar dos participantes de pesquisa. Atuando desde janeiro de 2016 o CESH/UEMS esta vinculado ao sistema CEP/CONEP e analisa principalmente protocolos de pesquisa do Mato Grosso do Sul.

Paranaíba, ____ de _____ de 20__.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Nome completo do pesquisador: Everton Rodrigues Martins

Telefone para contato: (67) 9 8115 - 1906

E-mail: evertonrm17@gmail.com

Orientadora da pesquisa: Profa. Dra. Juliana do Prado

E-mail: ju.doprado@uems.br

Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: 3902-2699 ou cesh@uems.br.

APÊNDICE C - ROTEIRO DIAGNÓSTICO DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO REMOTO NA UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA – UEMS

**UNIVERSIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO**

Paranaíba, _____/_____/2022

Este roteiro tem o intuito de investigar o trabalho docente no ensino remoto na Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS, a partir do uso das mídias digitais. Para tal, entende-se a necessidade e o compromisso ético de manter sobre sigilo a identidade dos participantes, haja visto que o principal objetivo decorre da realização da pesquisa em educação Stricto Sensu.

Título da pesquisa: O uso das mídias digitais na educação superior em tempos de pandemia: um estudo sobre o trabalho docente no ensino remoto na unidade universitária de Paranaíba – UEMS

Pesquisadores responsáveis:

Everton Rodrigues Martins (Aluno do mestrado)

Juliana do Prado (Orientadora)

Sujeitos da Pesquisa: os docentes regulares dos cursos de licenciatura da educação superior da Universidade Universitária de Paranaíba – UEMS

1 – Sexo: () Feminino () Masculino

2 – Idade _____

3 – Qual sua formação: _____

4 – Qual (is) instituição (ões) leciona: _____

5 – Qual (is) curso (s) leciona? _____

6 – Qual (is) disciplina (s) leciona? _____

7 – Qual (is) período (s) leciona? _____

8 – Há quanto tempo leciona? _____

9 – Você tem acesso a internet? Desde de quando? _____

10 – Caso tenha acesso a internet, passa em média quanto tempo conectada? Quais sites acessa mais? _____

11 – Qual meio de comunicação mais usa para obter informação? Televisão, Mídia impressa, Rádio, Internet? _____

12 – Já participou como estudante de curso profissional pela internet, como avalia o conteúdo? _____

13 – Já fez algum tipo de aperfeiçoamento para atuar no ensino remoto? Se sim, era pelo Estado ou particular? _____

14 – Participou de algum curso ou formação para atuar com ferramentas de ensino como AVA, MOODLE e afins? _____

15 – Você possui Smartphone? _____

16 – Você utiliza o Smartphone em suas atividades pedagógicas e profissionais? Se sim, quando começou a utilizar e quais aplicativos costuma usar?

17 – Como avalia sua experiência com mídias digitais na prática pedagógica? Tem facilidade ou dificuldade?

18 – Quais mídias digitais utilizou na pandemia para se comunicar com os estudantes?

19 – Conseguiu interagir com os alunos, no sentido de orientá-los a partir das mídias digitais? Como foi?

20 – Houve apoio tecnológico quanto à prática docente no período da pandemia? _____

21 – Como as coordenações de curso atuaram no sentido de solucionar questões relacionadas ao contato com os estudantes e organização do ensino remoto? _____

22 - Como avalia o empenho e a estrutura oferecida pela instituição de ensino no tocante a uso dos meios tecnológicos no processo de ensino/aprendizagem? _____

23 – Como avalia a Instituição perante o ensino remoto? _____

24 - Como avalia a participação e o comprometimento dos alunos nas atividades na pandemia e antes da pandemia?

25 – De modo geral, como avalia o uso das mídias digitais entre os estudantes, como impacto na aprendizagem?

26 – Como professor (a) atuante, você consegue observar alguma resistência dos alunos com relação ao uso das tecnologias na prática pedagógica?

27 – Como avalia o uso das mídias digitais entre os estudantes com relação familiar, com os amigos e colegas da escola?

28 – Como avalia o uso das mídias digitais na escola, especificamente no processo ensino/aprendizagem?

29 – Você acredita que foi possível trabalhar os conteúdos programados no ensino remoto?

30 – Percebeu se houve transformações na prática docente para ser oportunizado ao ensino presencial? _____

31 – Como reflete sobre as transformações suscitadas pelo ensino remoto nos cursos de licenciatura? _____

32 - Caso queira, deixe aqui outras considerações que considere relevante sobre a experiência adquirida a partir do uso das mídias digitais no processo de ensino/aprendizagem?
